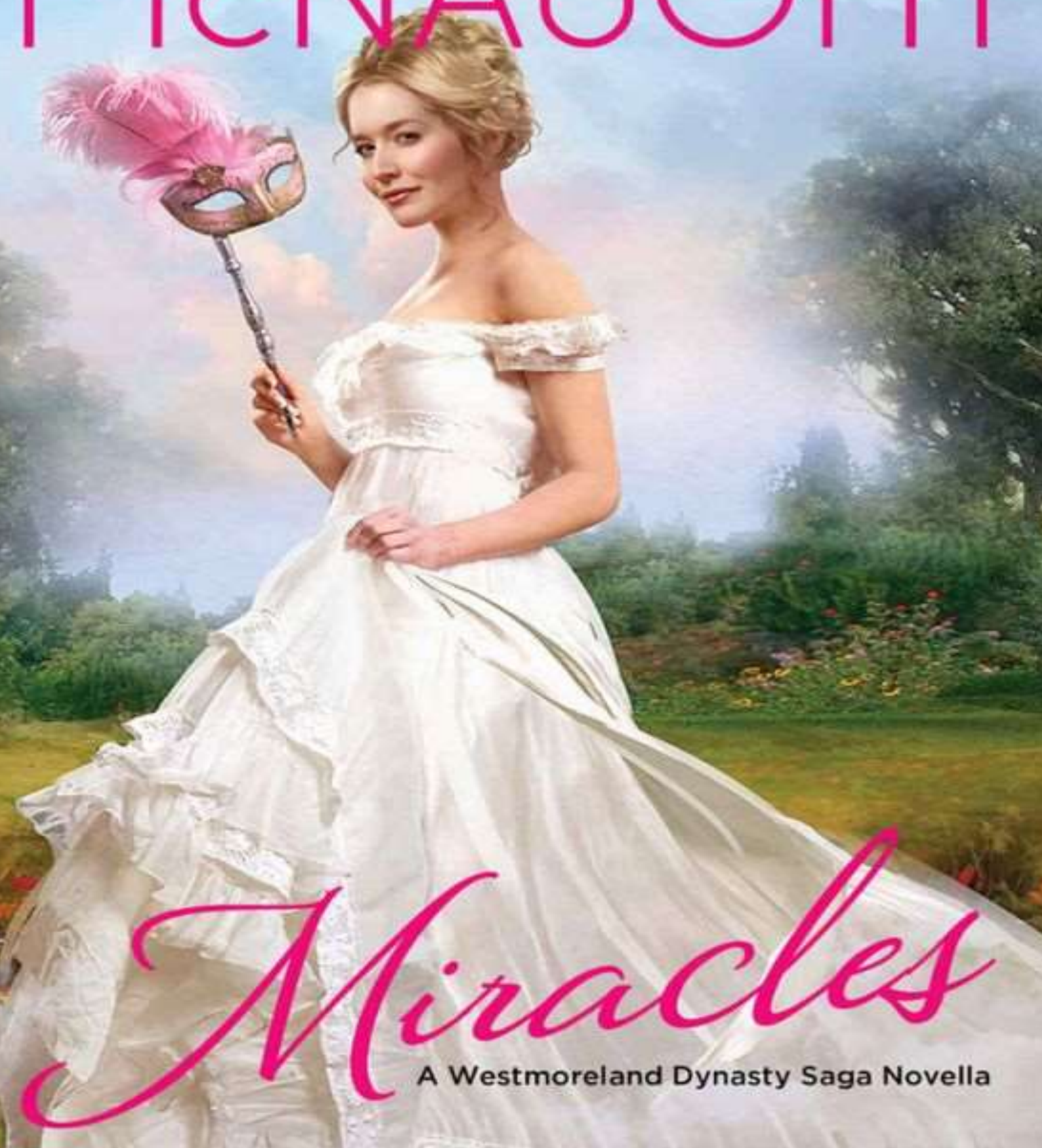


#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

JUDITH
McNAUGHT



Miracles

A Westmoreland Dynasty Saga Novella



MIRACLES

Judith McNaught

Quando o tempo lá fora está terrível, que melhor maneira para se aquecer do que com quatro magníficos contos de amor e de aventura de seus autores romance favorito? Vamos apresentar aqui um pequeno conto da autora JudithMcNaught, escrito especialmente para uma publicação juntamente com outras três grandes autoras: Jude Deveraux, Arnette Lamb e Jill Barnett.

Em “Milagres”, Judith faz um pequeno desfecho para o personagem de Nicholas du Ville, o maravilhoso e delicioso melhor amigo dos casais Clayton Westmoreland/Whitney Stone de “Whitney, Meu Amor” e Stephen Westmoreland/Sheridan Bromleigh de “Até Você Chegar”.

4º livro da Série Westmoreland

Título Original: Holiday Of Love

Disponibilização da Tradução:

Helena G. Revisão Final e

Formatação: Cyntya V.

cyntya.dv@gmail.com

Milagres

Judith McNaught

Inglaterra, século XIX.

Um Lorde cansado do mundo e uma proposta ultrajante...

- Qual exatamente é esse favor? — Perguntou Nicolas du Ville.
- É um pouco complicado de explicar — disse Juliana Skeffington.
- A verdade é que bastante difícil — falou empinando seu nariz respingado.
- Como pode ver, — responde Du Ville, esboçando um sorriso e fazendo uma pequena reverência — estou completamente a seu serviço.
- Desejo que arruíne minha reputação!!

Gostaria de agradecer a minha grande amiga Helena por disponibilizar sua tradução, e a Suelen, que disponibilizou um pequeno resumo do livro. Obrigado a vocês. Sem a ajuda das duas, esse trabalho seria impossível.

Capítulo Um

Os sons das vozes e da música começavam a chegar a Julianna Skeffington à medida que ela descia a escada do terraço da iluminada casa de campo, onde 600 convidados da mais alta nobreza assistiam a um baile de máscaras. Diante dela, os jardins estavam iluminados pela chama das tochas e cheios de convidados mascarados, e também de vários serventes uniformizados. Mas além dos jardins, um grande labirinto de plantas surgia entre as sombras oferecendo os melhores lugares para se esconder e foi para lá que Julianna se dirigiu.

Pressionando os aros de sua fantasia de Maria Antonieta contra seu corpo, ela passou entre os convidados dirigindo seus passos o mais rápido que podia através de cavaleiros com armaduras, bobos da corte, bandidos e uma grande variedade de reis e rainhas de Shakespeare, assim com uma profusão de animais selvagens e domésticos.

Viu um caminho aberto entre as pessoas e se encaminhou para lá, teve que desviar para um lado para não se chocar com uma frondosa árvore com maçãs de seda roxa em seus galhos. A árvore se inclinou educadamente para Julianna passar e, ao mesmo tempo em que passava a seu lado, um dos ramos se curvou ao redor de uma senhorita fantasiada de leiteira que levava um balde.

Não teve que se esconder de novo até que se aproximou do centro do jardim, onde um grupo de músicos situados entre um par de colunas romanas tocavam uma música para os casais que estavam dançando. Desculpando-se desviou de um homem fantasiado de um gato negro que estava sussurrando algo na rosada orelha de um pequeno rato cinza. O homem deixou de sussurrar para dar uma olhada

apreciativa no decote do vestido branco de Julianna, depois a olhou descaradamente nos olhos e lhe fez um gesto antes de voltar novamente sua atenção para o adorável ratinho de bigodes absurdamente compridos.

Chocada com a pouca educação de que estava sendo testemunha esta noite, especialmente ali fora, nos jardins, Julianna deu uma olhada por cima de seus ombros e viu que sua mãe havia saído do salão de baile. Foi detida nas escadarias do terraço por um desconhecido e depois começou a observar pelos jardins. Estava procurando sua filha com o instinto de um sábio. A mãe de Julianna se virou e dirigiu seu olhar diretamente para direção onde ela se encontrava. Esse olhar tão familiar foi o suficiente para Julianna começar a correr até que se deparou com o último obstáculo que havia entre seu caminho e o labirinto: um grande grupo particularmente divertido de homens que estavam situados abaixo de um toldo de árvores rindo de um bobo da corte que tentava sem sucesso fazer malabarismo com umas maçãs. Em vez de se adiantar e desse modo ficar a vista de sua mãe, decidiu que era mais inteligente desviar e passar por trás do grupo.

— Me desculpem cavaleiros — disse tratando de passar furtivamente entre as árvores e as costas de um homem — Tenho que passar.

Em vez de se mover rapidamente para afastar-se de seu caminho como era o correto, eles a olharam por cima de seus ombros e se viraram sem deixar um só espaço para passar.

— Olhem só, o que temos aqui? — disse uns dos homens com a voz embriagada enquanto se apoiava em uma árvore próxima do ombro dela. Trocou um olhar com o servente que estava segurando um copo de licor cheio de líquido.

— Uma bebida senhorita?

Nesse momento Julianna estava mais preocupada para escapar da atenção de sua mãe que ser intimidada por um lorde embriagado que mal podia ficar de pé e cujos companheiros seguramente impediriam que ele tivesse um comportamento mais abominável do que estava tendo nesse momento. Aceitou a bebida em vez de fazer uma cena, passou por baixo de seu braço, e caminhou rapidamente para diante dos outros se apressando para chegar a seu destino e escondendo a bebida que tinha na mão.

— Esquece ela Dickie — escutou o que um de seus amigos dizia. —

Observa as bailarinas da ópera e as cortesãs que estão aqui está noite, pode ter qualquer mulher que passem por seus olhos. Esta não queria jogar.

Capítulo Dois

Uma vez no labirinto Julianna pegou o caminho da direita e chegou até a primeira esquina que voltava a girar para direita, então se apoiou contra os espinhosos ramos do arbusto. Com sua mão livre tratou de alisar as capas de seus volantes de encaixe branco que enfeitavam o dobradinho de sua saia e do decotado corpo do vestido mas se mantiveram como trêmulas balizas numa noite de vento.

Com o coração galopando pela emoção, manteve-se sem esforço perfeitamente imóvel e escutou atenciosamente, separada do jardim por uma simples cerca-viva alta mas fora do alcance da vista desde a entrada. Ficou olhando o copo que tinha na mão e se pôs furiosa inutilmente diante de sua fraca habilidade para evitar que sua mãe a humilhasse e lhe arruinasse a vida.

Tentando distrair-se levantou o copo até o nariz e o cheirou estremecendo um pouco diante do forte aroma. Cheirava como a bebida que seu pai tomava, não o Madeira que desfrutava desde a manhã até a hora do jantar, e sim aquele líquido dourado que bebia depois de jantar, por razões medicinais para acalmar seus nervos, segundo dizia ele.

Os nervos de Julianna estavam sensíveis. Depois de um momento ouviu a voz de sua mãe que lhe chegava do lado oposto da frondosa barreira fazendo com que seu coração batesse com um mau

pressentimento.

— Julianna, está aí meu amor? — chamou sua mãe

— Lorde Makepeace está comigo e está muito ansioso para conhecê-la ...

Julianna teve a mortificante visão de um arredio lorde Makepeace, quem quer que fosse, sendo arrastado cruelmente por sua resolvida mãe pelo braço através de cada volta e giro, cada esquina e cada reta, do enrevesado labirinto e os jardins iluminados com tochas. Incapaz de suportar a violenta e embaraçosa situação de uma apresentação e de um desafortunado e indubitavelmente pouco disposto potencial pretendente a quem sua mãe tinham requisitado, Julianna deu um passo atrás para uns ramos que fincavam e que se enveredaram nos loiros cachos do elaborado penteado que tinha levado tanto tempo para criar.

No céu, a lua se ocultou amavelmente por trás de umas finas nuvens negras sumindo o labirinto numa profunda escuridão enquanto sua mãe continuava seu desavergonhado monólogo a poucos passos dela do outro lado da cerca-viva.

— Julianna é uma garota muito aventureira — disse lady Skeffington soando frustrada em vez de orgulhosa — tem o costume de dar um passeio pelos jardins para explorar.

Julianna traduziu a mentira que acabava de dizer sua mãe:

“Julianna é uma irritante solitária que tem que ser arrastada fora de seus livros e suas bobagens. É normal ela esconder-se entre os arbustos num momento como este”.

— Foi muito popular esta temporada, não posso imaginar como não a encontrou em algum ato ou acontecimento. De fato atualmente tenho que insistir para que reduza seus compromissos sociais a não mais de dez por semana para do que tenha tempo de descansar.

“Julianna não recebeu nem dez convites para acontecimentos sociais este ano mas preciso de uma desculpa para justificar porque não a tinha conhecido antes. Com um pouco de sorte ele acreditará na mentira”.

Lorde Makepeace não era tão crédulo.

— Verdade? — murmurou com o tom pouco comprometedor do que estar entre a cortesia, a irritação e a incredulidade — Parece

raro...e...que a uma mulher não lhe agradem os compromissos sociais.

— Eu nunca quis dizer tal coisa! — se apressou a dizer lady Skeffington — A Julianna lhe encantam os bailes e as conversas sobre todas essas coisas.

“Julianna preferiria que lhe arrancassem um braço”.

— Verdadeiramente acredito que os dois se dariam muito bem.

“Estou tentando livrar-me dela e conseguir-lhe um bom marido, bom homem, e você reúne os requisitos para sê-lo, família respeitável e uma adequada fortuna”.

— Não é o tipo de mulher tão habitual nestes tempos.

“Ela não fará nada para ressaltar alguma de suas qualidades”.

— Por outro lado tem uns indubitáveis atributos que por nenhum homem poderia passar despercebido.

“Para nos assegurarmos disto esta noite, fiz questão de que pusesse uma fantasia muito reveladora, mais adequada para um flerte que para uma menina de dezoito anos”.

— Mas não é demasiado mundana.

“Apesar do vestido, não deve tentar tocá-la sem ter pedido antes sua mão”.

O desejo de liberdade de lorde Makepeace ultrapassava já os ditados da cortesia.

— Devo voltar já ao salão de baile lady Skeffington. Acre...Acredito que prometi a próxima dança a senhorita Topham.

Compreendendo que suas esperanças estavam a ponto de escapar e que se desvaneciam por culpa da debutante mais popular da temporada, a mãe de Julianna respondeu com a maior mentira de sua vida de casamenteira. Inventou descaradamente uma inexistente relação entre Julianna e o solteiro mais cobiçado de toda Inglaterra. De maneira que disse:

— É verdade, voltemos ao baile! Acredito que Nicholas du Ville

pediu a Julianna a próxima valsa.

Lady Skeffington andou com pressa depois da retirada do lorde porque suas vozes se fizeram mais distantes.

— O senhor de Ville prestou repetidamente a nossa querida Julianna um particular atendimento, de fato tenho razões para acreditar que a única razão para que tenha vindo aqui esta noite foi a possibilidade de estar um momento com ela. Não me agradaria que ninguém soubesse além de você...

Não muito longe do labirinto a encantadora jovem viúva do barão de Penwarren se encontrava com seus braços rodeando o pescoço de Nicholas du Ville com seus risonhos olhos fixos nos dele enquanto lhe sussurrava:

— Por favor Nicki, não me diga que lady Skeffington te compeliu para que dançasse com sua filha. Não você, entre todos os homens. Se o fez e dançou com ela, não vai poder voltar a pisar em nenhum salão da Inglaterra sem provocar fofocas de todo mundo. Se não tivesse estado todo o verão na Itália saberia que evitar a essa odiosa criatura se converteu na prática habitual de todos os solteiros. Já digo logo.

Como se a reação dele tivesse sido de diversão, Valerie insistiu:

— Essa mulher faria qualquer coisa para conseguir um marido rico para sua filha e assegurar assim sua própria posição na sociedade. Qualquer coisa!

— Obrigado pelo aviso chérie - disse Nick secamente — Como costuma acontecer, tive uma pequena conversa com o marido de lady Skeffington pouco antes de ir para Itália, no entanto não prestei atenção nem à mãe nem à filha, e muito menos me comprometi a dançar com nenhuma delas.

Ela suspirou com alívio.

— Não podia imaginar como poderia ter sido tão idiota. Julianna é realmente uma criatura muito bonita, mas não faz seu estilo. É muito jovem, demasiado virginal e acredito que tem o odioso hábito de esconder-se por trás das cortinas ou coisas assim.

— Parece encantadora — ironizou Nick com um sorriso.

— De qualquer forma, ela não é como sua mãe — fez uma pausa para estremecer e ilustrar assim o que ia dizer depois — Lady Skeffington está tão ansiosa para fazer parte da alta sociedade que é

capaz de se humilhar.

— Ainda com o risco de parecer torpe — disse Nick perdendo todo interesse nessa conversa — Por que demônio as convidou ao baile de máscaras?

— Porque querido, — disse Valerie apertando seus dedos contra a mandíbula dele com a familiaridade que lhe dava ao ter compartilhado sua cama no verão passado — a pequena Julianna foi apresentada de alguma forma à nova condessa de Langford bem como a sua cunhada, a duquesa de Claymore. No começo da temporada a condessa e a duquesa comunicaram a todo mundo que desejavam que a pequena Julianna fosse recebida por todos, depois ambas seguiram com seus maridos para Devon. Desde então, ninguém quer ofender os Westmoreland, e desde então lady Skeffington nos ofende a todos. Todos esperamos a última semana da temporada para cumprir com nossa obrigação de convidá-las. Desafortunadamente, entre todos os convites para esta noite, lady Skeffington aceitou o meu, seguramente porque sabia que você ia estar aqui.

Parou de repente como se uma deslumbrante idéia a tivesse golpeado.

— Todo mundo tem estado almejando descobrir como Julianna e sua odiosa mãe conseguiram conhecer à condessa e à duquesa, e eu apostaria a que você conhece a resposta, não é verdade? Os rumores dizem que você era extremamente bem conhecido por ambas antes de se casarem.

Para assombro de Valerie, a expressão dele se fez distante e fechada, e suas palavras estiveram acompanhadas de uma fria advertência.

— Define o que entende por extremamente “bem conhecido” Valerie.

Percebendo que tinha entrado em terreno demasiadamente perigoso, Valerie realizou uma apressada estratégia de retirada para proteger-se:

— Quero dizer que você é um amigo próximo delas duas.

Nick aceitou a desculpa oferecida por ela com um ligeiro movimento de cabeça e permitiu que saísse em retirada com dignidade, porém sem deixar o tema por completo.

— Seus maridos também são muito meus amigos. — disse, apesar de que foi um exagero. Ele tinha amizade com Stephen e Clayton

Westmoreland, porém nenhum homem estava contente que sua esposa tivesse amizade com Nicki. Essa era uma situação que ambas as senhoras haviam escondido e que indubitavelmente ia seguir assim até que Nick estivesse finalmente casado e tão apaixonado por sua esposa como Stephen e Clayton estavam pelas deles.

— Como você não está comprometido com a senhorita Skeffington — falou Valerie, voltando de novo a colocar seus dedos ao redor da nuca de Nick — Não há nada que nos impeça de sair desse labirinto e ir até seu quarto.

Desde que ele a cumprimentou na entrada da casa, Nick supôs que esse convite ia chegar a qualquer momento e o considerou em silêncio. Não havia nada que o impedisse, nada exceto uma inexplicável falta de interesse devido ao que sabia das outras noites passadas com Valerie. Seria com toda segurança uma hora e meia de desinibidas relações sexuais com uma experimentada e desejada companheira. Esse momento estaria precedido de uma taça e meia de um excelente champagne, e meio copo do melhor Whisky. Mais tarde ele se mostraria decepcionado quando ela se sentisse obrigada a voltar para sua própria cama. Tudo muito civilizado, muito considerado e muito previsível.

Mas esses momentos previsíveis de sua vida e toda essa burocracia do mundo começavam a tirar-lhe do sério. Não importava se estava na cama com uma mulher ou jogando com seus amigos, ele automaticamente dizia todas as coisas apropriadas ou inapropriadas no momento oportuno. Relacionava-se com homens e mulheres de sua mesma classe que eram tão previsíveis, insossos e socialmente adaptados como ele.

Começava a sentir-se como se fosse uma maldita marionete, atuando ao lado de outras marionetes no mesmo palco, todas elas dançando a mesma melodia, escrita pelo mesmo compositor.

Inclusive quando caía em relações ilícitas como a que Valerie estava lhe oferecendo, tinha um ritual prescrito que devia ser seguido e que só variava se a mulher em questão estava casada ou não e se estivesse ele jogaria com o papel de sedutor ou de seduzido. Como Valerie era viúva e tinha assumido essa noite o papel de sedutora ele já sabia como ela ia atuar se ele recusasse sua proposta. Primeiro faria um gesto, muito bonito, e então começaria a enganá-lo e depois começaria a tentar seduzir-lhe.

Ele, sendo o seduzido, titubearia, a iludiria e depois esperaria até que ela desistisse, mas nunca a recusaria. Para realizar tal manobra devia ser imperdoavelmente rude e torpe no complexo traquejo social que eles interpretavam à perfeição.

Apesar de tudo, Nick esperou antes de contestar, meio desejando responder afirmativamente à oferta apesar de que sua mente lhe dizia que não o fizesse. Ao ver que não acontecia nada, decidiu dar o primeiro passo, isto é titubear.

— Eu deveria ir dormir primeiro querida. Tive uma semana difícil e estou a dois dias sem dormir.

— Seguramente que não está me recusando, não é verdade meu querido? — perguntou ela, fazendo um bonito gesto.

Nick devolveu habilmente a pergunta.

— O que acontecerá com sua festa?

— Prefiro estar com você, não te vejo a meses, e além do mais, a festa continuará sem minha presença. Os serventes estão perfeitamente treinados.

— Mas são seus convidados — assinalou Nick ainda tentando evitar suas tentativas de sedução.

— Nunca saberão que saímos.

— O quarto que me deu é ao lado do da sua mãe.

— Ela não nos ouvirá ainda que se você voltasse a romper a cama como ocorreu na última vez que usamos esse dormitório. Está surda como uma taipa.

Nick estava a ponto de dar o próximo passo, mas Valerie lhe surpreendeu acelerando o processo e indo diretamente à sedução antes que ele pudesse continuar com seu papel no roteiro da pequena atuação. Pondo-se nas pontas dos pés ela lhe beijou, suas mãos começaram a acariciar seu pescoço e seus lábios fizeram um convite à língua dele.

Nick automaticamente pôs suas mãos ao redor da cintura dela e obedeceu, mas foi um gesto vazio nascido da cortesia não da reciprocidade. Quando as mãos dela desceram até a cintura de sua calça, ele deixou cair o braço e se jogou para trás tão nauseado como aborrecido com toda essa farsa.

— Esta noite não — disse com firmeza.

Os olhos dela lhe acusaram em silêncio por ter rompido imperdoavelmente as regras. Suavizando a voz a pegou pelos ombros,

girou-a e lhe deu um golpezinho afetuoso nas costas para mostrar-lhe o caminho.

— Querida, volte para seus convidados.

Enquanto procurava nos bolsos um cigarro continuou educadamente:

— Te seguirei, quando passar um tempo adequado.

Capítulo Três

Julianna ignorava que estava só naquele cavernoso labirinto e esperou num tenso silêncio até estar segura de que sua mãe não ia regressar. Ao cabo de um momento deu uma olhada e saiu de seu esconderijo. Como o labirinto parecia ser o melhor lugar para se esconder durante umas horas, girou para a esquerda e se afastou por um caminho que conduzia a um quadrado de erva que tinha uma escultura no centro.

Começou a pensar em sua situação procurando uma saída para a humilhante e insustentável armadilha na qual se encontrava. Mas sabia que não tinha nenhuma saída para escapar da cega obsessão de sua mãe de vê-la casada com alguém realmente importante enquanto tivesse a oportunidade. Até esse momento o maior impedimento que sua mãe tinha encontrado para conseguir seu propósito tinha sido o fato de que nenhum possível pretendente dessas características tinha pedido a mão de Julianna durante as poucas semanas de sua estadia em Londres.

Desafortunadamente, justo antes de abandonar a cidade para vir para a casa de campo, sua mãe conseguiu receber uma oferta de casamento de sir Francis Bellhaven, um cavaleiro repulsivo, velho e pomposo de pele pálida, olhos arregalados de cor avelã que pareciam fincar-se no corpo de Julianna e finos e pálidos lábios que lhe recordavam a um peixe morto. A idéia de ser obrigada a passar toda uma vida abandonada com sir Francis era insuportável. Obscena. Aterrorizadora.

De qualquer forma ela não ia ter nenhuma opção, se o que

realmente queria era poder esconder-se nesse lugar dos potenciais pretendentes que sua mãe escolhesse, isso era a última coisa que deveria estar fazendo. Ela o sabia, mas era incapaz de sair dali e retornar ao baile. Ela não queria um marido, só tinha dezoito anos e tinha outros planos, outros sonhos para sua vida, mas não coincidiam com os de sua mãe e portanto nunca iam se realizar. Nunca. O que fazia tudo isto mais frustrante era que sua mãe acreditava que estava atuando pelo bem de Julianna e que sabia o que era melhor para sua filha.

A lua deslizou fora das nuvens e Julianna fixou-se no líquido que tinha em seu copo. Seu pai dizia que um pouco de brandy não fazia mal a ninguém, que facilitava a digestão de qualquer alimento e que curava o moral baixo. Julianna vacilou e, num arranque de rebeldia e desespero, decidiu por a prova essa teoria. Tampou o nariz, jogou a cabeça para trás e deu três grandes tragos. Baixou o copo com um estremecimento e dando um grito de desafogo. E esperou. Esperou uma explosão. Passaram os segundos, depois um minuto e não aconteceu nada, a única coisa que sentiu foi uma ligeira debilidade nos joelhos e uma incapacidade para reter as lágrimas que apareciam em seus olhos.

Em consideração a seus trêmulos membros se aproximou do banco de pedra e se sentou. O banco tinha sido ocupado antes naquela mesma noite porque tinha ali uns copos. Passado um momento deu outro pequeno gole no brandy e olhou o copo, movendo o líquido dourado de tal forma que refletia o luar, enquanto considerava sua situação.

Como desejava que sua avó estivesse viva. Sua avó teria posto um limite à obsessiva loucura de sua mãe em lhe arrumar um casamento. Teria entendido a aversão de Julianna a ser forçada a casar-se com alguém. Em todo o planeta, a solene mãe de seu pai tinha sido a única pessoa que parecia entender Julianna. Sua avó tinha sido sua amiga, sua preceptora e sua mentora.

Com ela, Julianna aprendeu sobre o mundo e as pessoas. A sós com ela se atrevia a pensar por si mesma e a dizer o que pensava sem se importar se parecia absurdo ou escandaloso. Sua avó sempre a tinha tratado como igual, compartilhando suas peculiaridades filosóficas sobre qualquer coisa, desde a vontade de Deus para criar a terra até mitos sobre os homens e as mulheres.

A avó Skeffington não acreditava que o casamento fosse a resposta aos desejos das mulheres ou que os homens eram mais nobres ou inteligentes que as mulheres.

— Considere por um momento um impróprio marido por exemplo - disse com um sorriso numa tarde de inverno justo antes do Natal quando Julianna tinha quinze anos -Tu não conhecestes seu avô, que descanse em paz, mas se tinha um cérebro para pensar nunca tive evidência disso. Como todos seus antepassados, nunca pôde calcular mentalmente nem escrever uma só frase inteligente, e teve menos bom-senso que um bebê.

— Sério? — tinha respondido Julianna um pouco horrorizada pela falta de respeito que sua avó falavam sobre um defunto que tinha sido seu marido e avô de Julianna.

Sua avó enfatizou com um gesto:

— Os homens da família Skeffington foram sempre assim, pouco criativos e preguiçosos.

— Mas asseguro que papai não é assim -disse Julianna com lealdade — ele é seu único filho.

— Nunca diria que seu pai é assim — respondeu a avó sem vacilar

— mas o descreveria como uma cabeça de vento.

Julianna começou a rir com uma horrorizada risada diante de tal heresia e antes que pudesse pensar numa defesa apropriada para seu pai, sua avó continuou dizendo:

— As mulheres Skeffington, ao contrário, manifestaram com frequência algum outro rasgo de inteligência e de recursos. Olhe a seu redor e descobrirás que são geralmente as mulheres quem sobrevivem graças a sua inteligência e determinação, não os homens. Os homens não são superiores às mulheres exceto na força bruta.

— Quando Julianna a olhou desconcertada sua avó a estudou com atenção.

— Se tu lesses aquele livro que lhe dei descobririas que as mulheres não têm estado sempre ao serviço do homem, porque na época antiga, nós tínhamos o poder e o respeito. Nós éramos deusas, adivinhas e curandeiras, guardávamos os segredos do universo em nossas mentes e o presente da vida em nossos corpos. Nós escolhíamos nossos maridos e não o contrário. Os homens procuravam nosso conselho e nos adoravam e invejavam nosso poder. Porque éramos superiores a eles em qualquer coisa. Nós sabíamos e eles

também.

— Se éramos as mas inteligentes e as mas favorecidas — disse Julianna quando sua avó levantou as sobrancelhas esperando uma reação ao que acabava de dizer — então como perdemos todo esse poder e respeito e chegamos a ser submetidas pelo homem?

— Eles nos convenceram de que precisávamos de sua força bruta para nossa proteção — disse com uma mistura de ressentimento e desdém — Então nos “protegeram” de nossos privilégios e direitos, jogaram contra nós, mentiram.

Julianna encontrou uma falha nessa lógica e franziu o cenho pensativa.

— Se é assim — disse ao cabo de um momento — então não podiam ser tão pouco inteligentes como dizes. Foram muito inteligentes não achas?

Por um momento sua avó a olhou com o cenho franzido depois com um sorriso de aprovação:

— É um bom raciocínio querida, e digno de ter em conta. Sugiro que escrevas essa idéia para que possamos examiná-la mais tarde. Provavelmente possas escrever um livro sobre como os homens ocasionaram essa diabólica decepção às mulheres ao longo dos séculos. Só espero que não decidas deixar de aproveitar sua inteligência e seu talento com algum ignorante que se oponha a suas idéias e tente te convencer de que seu único valor consiste em criar seus filhos e satisfazer seus desejos. Você pode fazê-lo Julianna, sei que podes.

Vacilou como se estivesse decidindo algo e depois disse:

— Isso nos leva a um tema que queria discutir contigo e este parece um bom momento para fazê-lo.

A avó Skeffington se levantou e se dirigiu para a chaminé no lado oposto do quarto acolhedor com movimentos lentos devido a sua avançada idade, seu cabelo prateado recolhido num esticado laço.

— Como sabe, sobrevivi a um marido e a um filho. Vivi muito e estou mais que preparada para terminar meus dias neste mundo quando chegar o momento. Por desgraça não vou estar sempre aqui para ti aconselhar, espero poder te compensar por isso deixando-lhe algo...uma herança só sua. Não é muito.

O tema sobre a morte de sua avó nunca tinha surgido antes e o mero pensamento de perdê-la provocava uma grande dor em Julianna.

— Como disse, não é muito, mas se tiveres cuidado, pode permitir

você viver modestamente em Londres durante alguns anos enquanto experimentas mais sobre a vida e melhora sua habilidade como escritora.

O cérebro de Julianna lutava freneticamente por não pensar numa vida sem sua avó, de tal forma que não tinha nesse momento muita vontade de viver em Londres e o sonho das duas de que ela chegasse a ser uma grande escritora era só uma fantasia impossível. Temendo que uma explosão emocional pudesse ofendê-la, Julianna se manteve sentada adiante da cadeira de sua avó contendo em seu interior a avalanche de emoções, aparentemente controlada, examinando com calma um livro.

— Não tem nada a dizer sobre meus planos menina? Esperava que saltasse de alegria. Um pouco de entusiasmo, ainda que seja fingido, seria apropriada como compensação pelo dinheiro que poupei para te deixar uma pequena herança.

Estava provocando e Julianna sabia, provocava-a para obter dela uma réplica engenhosa ou uma discussão objetiva. Julianna era muito boa para fazer ambas as coisas depois de anos de prática, mas era incapaz de falar da morte de sua avó com humor como se realmente estivesse calma. Mas ainda, estava ligeiramente ferida por que sua avó estivera falando calmamente de deixá-la para sempre sem nenhum sinal de pesar.

— Devo dizer que não parece muito agradecida.

A cabeça de Julianna ficou cheia, seus olhos violetas brilharam com lágrimas de ira.

— Não sou mal agradecida avó e também não quero falar sobre isto agora. É quase Natal, tempo de felicidade.

— A morte é um fato da vida — disse sua avó inexpresivamente — e é inútil ter medo disso.

— Mas você é toda minha vida — explodiu Julianna sem poder conter-se -e não me agrada que fale de dinheiro como se fosse uma recompensa por sua morte.

— Me considera fria e insensível?

— Sim, acredito que sim.

Era a primeira discussão forte que tinham e Julianna odiou isso. Sua avó ficou em silêncio antes de perguntar:

— Sabe do que sentirei falta quando eu for embora deste mundo?

— Evidentemente, de nada.

— Sentirei falta de uma coisa e só uma — apesar de que Julianna não lhe tinha pedido uma resposta, sua avó a deu — Sentirei falta de você.

A resposta não estava de acordo com sua voz impassível e seus gestos vazios, de modo que Julianna ficou olhando-a cheia de dúvida.

— Sentirei falta de seu senso de humor, de sua confiança e seu maravilhoso dom de ver as coisas sob diferentes pontos de vista sobre qualquer tema. Especialmente sentirei falta de não poder ler o que tiver escrito a cada dia. Você foi o único ponto brilhante de minha existência.

— Ao mesmo tempo em que terminava de falar caminhou para ela e posou sua fria mão na bochecha de sua neta secando-lhe as lágrimas que caíam de seus olhos.

— Somos almas gêmeas, você e eu. Se tivesse nascido antes teríamos sido amigas íntimas.

— Somos amigas — sussurrou com ferocidade Julianna enquanto punha sua mão sobre a de sua avó esfregando-a contra sua bochecha

—Seremos amigas para sempre. Quando você for... Seguirei te contando meus segredos e escrevendo para você. Escreverei para a senhora como se você tivesse ido para outro lugar.

— Que idéia tão divertida! — caçoou sua avó — Me enviará também?

— Claro que não, mas ainda assim saberá que escrevi.

— E que te faz pensar isso? — perguntou perplexa.

— Porque ouvi o que você disse ao vigário, dizia muito claramente que era ilógico acreditar que o todo-poderoso nos deixasse cochilando até o dia do Juízo Final. Você disse isso depois de nos advertir repetidamente de que devíamos colher o que tínhamos semeado.

— Eu não acredito que seja bom para você querida, dar mais credibilidade em minhas idéias teológicas do que às do bom vigário. Não me agradaria que desperdiçasses seu talento me escrevendo quando eu me for, em vez de escrever algo para os vivos.

— Não estarei perdendo tempo — disse com um sorriso de cumplicidade metida em cheio num desses tão familiares debates sem sentido que animavam sua alma -Se lhe escrevo cartas estou segura de que você fará todo o possível para lê-las de onde quer que estejas.

— Por que? Acredita que tenho poderes místicos?

— Não! — caçoou Julianna — O fará porque não poderá resistir a

corrigir os meus erros de ortografia.

— Impertinente! — disse sua avó ofendida mas com um grande sorriso e alongando seus dedos para os de Julianna para dar-lhes um cálido e afetuoso aperto.

No ano seguinte, no dia de Natal, sua avó morreu, sua mão pegada na mão de Julianna até o último segundo.

—Te escreverei vovó — chorou Julianna enquanto os olhos da avó se fechavam para sempre — Não esqueça de ler meus escritos, não esqueça.

Capítulo Quatro

Nos dias que seguiram à morte de sua avó Julianna escreveu dúzias de cartas, mas conforme passaram os meses, a vazia monotonia de sua vida não lhe proporcionava temas sobre o que escrever. O pequeno e sossegado povo de Blintonfield estava no fim do mundo e por essa razão ela ocupava seu tempo lendo e sonhando sobre ir a Londres onde receberia sua herança aos dezoito anos. Ali conheceria gente interessante e visitaria museus enquanto trabalhava em seus livros. Quando vendesse alguns de seus trabalhos traria com frequência a suas irmãs a Londres para que pudessem ampliar seus conhecimentos e participar das maravilhas do mundo além de seu pequeno povoado.

Depois de várias tentativas de compartilhar seu sonho com sua mãe, Julianna se deu conta de que era mais inteligente calar-se já que sua mãe se horrorizava diante de tal idéia.

— É totalmente inconcebível querida, as senhoritas respeitáveis e solteiras não vivem sozinhas e muito menos em Londres. Sua reputação poderia ser completamente arruinada.

Estava ainda menos encantada com a idéia de escrever livros. O material de leitura que agradava a lady Skeffington se limitava exclusivamente às páginas de sociedade dos jornais onde religiosamente tinha um seguimento da moda. Opinava que a fascinação de Julianna pela história e a filosofia e seu desejo de chegar a ser escritora era quase tão horrível como seu desejo de viver sozinha em Londres.

— Os homens não querem mulheres inteligentes querida, — lhe

advertia constantemente — Se não esquecer essa sua obsessão pela filosofia suas oportunidades de receber uma oferta de casamento de um verdadeiro cavaleiro serão arruinadas.

Até um mês antes do baile de máscaras o tema de que Julianna passasse uma temporada em Londres nunca antes tinha sido falado.

Apesar de que seu pai fosse um barão, seus antepassados tinham gastado toda a fortuna e as terras que acompanhavam o título. O único legado de seus antepassados foi um amável e aprazível caráter que lhe permitia esquecer qualquer das dificuldades da vida e um grande gosto pelo vinho e os licores. Ele não tinha nenhum desejo de abandonar o afastado povoado onde tinha nascido, no entanto carecia de razões para enfrentar a determinação de sua mulher e a ambição desta com respeito a suas filhas.

E no fundo também não as tinha Julianna.

Três semanas depois de receber sua herança, Julianna escrevia cartas aos jornais de Londres para se informar sobre o alojamento, sua mãe muito excitada convocou um conselho de família sem precedentes.

— Julianna, — disse — seu pai e eu temos algo emocionante para te dizer — fez uma pausa para sorrir a seu marido que seguia lendo o jornal — Não é verdade John?

— Sim minha pipoca — murmurou sem levantar o olhar.

Depois de xingar seus filhos pequenos que estavam brigando pela última bolacha, juntou suas mãos com gesto de prazer e cruzou seu olhar com o de Julianna.

— Já está tudo arrumado! — exclamou — Recebi faz pouco uma carta do proprietário de uma pequena casa em Londres numa comunidade respeitável. Está de acordo em nos deixar o resto da temporada pela minúscula quantidade que nós podíamos lhe pagar. O resto foi deixado em depósito como investimento. Contratei a senhorita Sheridan Bromleigh que será sua acompanhante e ocasional camareira e que cuidará dos garotos. É americana, mas é a única que se pode conseguir quando não se pode pagar um salário decente.

— Seus vestidos são caros mas a mulher do vigário me assegurou que a costureira que contratei é muito competente ainda que não seja capaz de fazer os complicados desenhos que se vêem nas revistas. Por outro lado deveria dizer que poucas jovens têm sua beleza, o qual é normal. Algum dia não muito longe terá seus próprios vestidos da moda

e será invejada por todos. Terá jóias e peles, carruagens e serventes sempre a tua disposição...

Julianna teve um momentâneo estremecimento de emoção diante da idéia de que tivesse um alojamento barato em Londres, mas os vestidos novos e a dama de companhia nunca tinham entrado no orçamento familiar e muito menos para ela.

— Não entendo mamãe. O que esta acontecendo? — indagou, perguntando-se se algum familiar até então desconhecido teria morrido deixando-lhes uma fortuna.

— O que aconteceu é que decidi utilizar sua pequena herança lhe dando um bom uso de forma que lhe trará excelentes benefícios, estou segura.

A boca de Julianna se abriu num grito silencioso de protesto mas era incapaz de articular uma palavra nesse momento, pelo que lady Skeffington pensou erroneamente que sua filha estivesse extasiada.

— Sim, é real! Você vai a Londres esta temporada e encontraremos uma maneira de que conheça pessoas adequadas. Enquanto estivermos lá estou segura de que encontraras um cavaleiro que te faça uma esplêndida oferta de casamento. Talvez inclusive o conde de Langford cujas terras dizem que são incomparáveis. Ou Nicholas du Ville que é um dos homens mas ricos da Inglaterra e da França e que esta a ponto de herdar um título escocês de um parente de sua mãe. Tenho entendido que o conde de Langford e o conde de Glenmore (assim é como se chamará du Ville) estão sendo considerados como os solteiros mas cobiçados de toda Europa. Imagina o que os invejosos dirão quando Julianna Skeffington consiga um deles como marido!

Julianna podia ouvir como se despedaçavam seus sonhos ao romper-se contra o chão.

— Eu não quero um marido! — gritou — quero viajar, aprender e escrever mãe. Isso é o que quero. Acredito que poderia escrever uma novela algum dia. Vovó dizia que tinha talento para escrever. Não, não sorria por favor. Tem que me devolver o dinheiro, tem que fazer.

— Minha querida e inocente menina, não o faria ainda que pudesse, e não posso. O casamento é o único futuro para uma mulher, uma vez que vejas como vive a alta sociedade esquecerás todas essas tolices que a avó Skeffington colocou em sua cabeça. Agora — continuou alegremente — quando estivermos em Londres te ajudarei a

pôr em seu caminho um solteiro, podes estar segura disso. Depois de tudo seu pai é um barão não um comerciante. Quando se derem conta de que estamos em Londres, nos convidaram a todas as grandes reuniões e festas. Os cavaleiros lhe verão e vão te achar bonita e logo teremos um montão de pretendentes fazendo fila na porta, verás.

Tinha muito poucas possibilidades de se negar a ir e não tinha forma de evitá-lo de maneira que Julianna se resignou.

Uma vez em Londres, sua mãe fez questão de que todos fossem aos lugares e lojas onde comprava a alta sociedade e todas as tardes passeavam pelos parques onde tudo o que valia a pena era se deixar ver.

Mas nada saiu como lady Skeffington tinha planejado. Contrariamente a seus desejos e expectativas, a aristocracia não lhes acolheu com os braços abertos pelo fato de que seu marido fosse barão. Não responderam muito bem a seus entusiasmados esforços por começar conversa na rua Bond ou em Hyde Park. Em vez de mandar-lhes convites para tomar café da manhã, as elegantes damas com quem tentava conversar lhe davam um corte.

Apesar de que sua mãe não parecia notar que estava sendo tratada com um desdém glacial, Julianna sentia cada insulto e cada desplante com uma intensidade suficiente para as duas, e todos atacavam seu orgulho e faziam que se lhe rompesse o coração. Apesar de que se deu conta de que sua mãe suportava os desprezos que lhe faziam, todas aquelas situações a faziam se sentir miserável e consciente de que dificilmente podia olhar na cara de ninguém desde que saíam da pequena casa até que voltavam para ela.

Apesar de tudo Julianna não considerou sua viagem a Londres como uma perda total de tempo. Sheridan Bromleigh, a acompanhante que sua mãe tinha contratado para a temporada demonstrou ser uma pessoa carinhosa e vivaz com quem Julianna podia falar, rir e trocar confidências. Pela primeira vez em seus dezoito anos, tinha uma amiga de sua idade, alguém que compartilhava seu senso de humor e muitos de seus interesses.

O conde de Langford, a quem lady Skeffington cobiçava para sua filha, era um obstáculo a menos nos planos da baronesa ao casar-se no final da temporada, num repentino casamento que comoveu a todos em Londres e contrariou lady Skeffington já que o conde se casou com a senhorita Bromleigh.

Quando a mãe de Julianna se inteirou da notícia se meteu na cama e não saiu dali durante todo o dia. Mas pela tarde no entanto se levantou ao se dar conta da tremenda vantagem que tinha socialmente ao conhecer a nova condessa que tinha parentes com uma das mais influentes famílias da Inglaterra.

Com renovada confiança e energia, enfocou todas suas esperanças em Nicholas du Ville.

Habitualmente Julianna não podia imaginar o desastroso encontro com ele nessa primavera, mas quando se sentou do lado do arbusto olhando o copo que tinha na mão, tudo aquilo de repente lhe pareceu mais emocionante que humilhante.

Obviamente, decidiu, que o asqueroso sabor daquela coisa que tinha bebido estava fazendo com que visse as coisas mais claras. E se três tragos podiam conseguir isso, era evidente que um pouco mais desse mágico elixir seria mais efetivo. Esse era o espírito da investigação científica, portanto levantou o copo e deu mais três goles. Depois do que lhe pareceram só uns segundos se sentiu inclusive melhor do que antes.

— Muito melhor — informou em voz alta para lua rindo a gargalhadas ao recordar o breve mas divertido encontro com o lendário Nicholas du Ville.

Sua mãe tinha estado espionando no Hyde Park, justo quando ele estava a ponto de passar muito devagar próximo do caminho onde elas estavam, sua mãe, desesperada por provocar um encontro, empurrou Julianna pondo-a diretamente no caminho de seu cavalo. Para não cair Julianna se agarrou às rédeas do cavalo, fazendo com que o indignado dono deste se detivesse.

Barateada e assustada pelo nervoso do animal, Julianna se segurou nas rédeas tentando acalmá-lo e ao mesmo tempo tentando desculpar-se e xingar o cocheiro da carruagem por não tentar acalmar seu cavalo. Olhou para cima e viu Nicholas du Ville. Apesar do frio olhar que se via em seus assassinos olhos, ela sentiu como se seus ossos se derretessem e suas pernas se convertessem em gelatina.

Cabelo negro, ombros largos, penetrantes olhos azuis metálico e cinzelados de finos lábios, Nicholas tinha o cínico aspecto de um homem que experimentou todos os prazeres que o mundo pode oferecer. Com sua cara de anjo e seus olhos azuis Nicholas du Ville era extremamente atraente e proibido como o pecado. Ela sentiu por

um momento o louco impulso de fazer algo para impressionar-lhe.

— Se quer um arreio senhorita, — disse com seca impaciência — sugiro que tente consegui-lo de uma maneira mais convencional.

Julianna sabia que precisava reagir imediatamente antes que sua mãe, que estava desesperada por conseguir uma apresentação, violasse todas as regras conhecidas da boa educação ou do senso- comum.

— Que prazer e que privilégio mais inesperado milorde — exclamou lady Skeffington sem dar-se conta do sinistro olhar que ele lhe dirigia e da ávida curiosidade dos ocupantes das demais carruagens que tinham que se deter devido o caminho que estava bloqueado — Estava desejando apresentar-lhe a minha filha.

—Tenho de supor — ele a interrompeu — que esse é o motivo pelo qual sua filha tenha tropeçado em mim e se detido no caminho do meu cavalo.

Julianna chegou à conclusão de que esse homem era um mal educado e um arrogante.

— Isso não tem nada haver — falou mortificada pela precisão com que ele tinha acertado e dando-se conta de que ainda estava agarrada às rédeas. Soltou-as como se fosse uma serpente, deu um passo para trás e recorreu ao descaso para salvar seu orgulho — Estava praticando — lhe informou.

Sua resposta o surpreendeu tanto que manteve sua mão como se a fosse golpear com as rédeas.

— Praticando? — repetiu olhando-a atenciosamente com divertido interesse — Praticando para que?

Julianna levantou o queixo e elevando as sobrancelhas disse com desdém o que esperava que soasse inteligente em vez de estúpido:

— Estou praticando para chegar a ser salteador, obviamente. Para conseguir, salto diante dos inocentes cavaleiros do parque e detenho seus cavalos.

Dizendo isto lhe deu as costas e pegou firmemente a sua mãe pelo braço conduzindo-a de volta para casa. Olhando por cima de seu ombro disse:

— Boa tarde senhor...é...Deveraux.

Sua mãe, diante de tão escandaloso comentário proferiu uma exclamação horrorizada provocando algo que soou como uma gargalhada no dono da carruagem.

Lady Skeffington seguiu furiosa com sua filha durante toda à noite.

— Como pode ser tão impertinente? — gritou — Nicholas du Ville tem muita influência na sociedade e se pronuncia uma só palavra depreciativa sobre você ninguém importante irá querer se relacionar com você. Estarás acabada. Acabada me ouviu?

Apesar Julianna ter se desculpado repetidamente, ainda que de forma pouco sincera, sua mãe estava muito preocupada. Passeava de um lado para outro com seu frasco de saís numa mão e um lenço na outra.

— Pelo menos Nicholas du Ville te olhou por uns segundos hoje no parque, e todos puderam nos ver, de maneira que tiveste seu momento de sucesso! Quisera que esta noite começasse a chegar convites a todos os atos importantes da temporada e a partir de amanhã, os pretendentes chegasse a nossa porta. Mas você teve que se mostrar impertinente com um homem que poderia pôr fim a minhas esperanças e sonhos com uma só palavra — limpou as lágrimas dos olhos — Tudo isto é culpa de sua avó! Ensinou-te a ser como ela, deveriam me açoitarem por permitir que perdesse tempo com aquela velha sonhadora, mas ninguém podia se opor sua vontade exceto seu pai que nada fez.

Rodeou Julianna.

— Bem, eu conheço mais do mundo real que sua avó e vou te dizer uma coisa que ela nunca te disse, uma verdade que vale mais que todos seus desvarios — apertou os punhos e afetando a propósito a voz disse

— Um homem não quer se relacionar com uma mulher mais inteligente do que ele. Se a alta sociedade soubesse de seu gosto pelos livros estaria arruinada, nenhum cavaleiro importante iria te querer, estarias acabada.

Capítulo Cinco

Um gorjeio de risos femininos tirou Julianna de seus pensamentos e voltou a ouvir os sons que faziam os adultos parecerem meninos travessos. Perguntava-se quantas reputações femininas ficariam arruinadas essa noite. Baseando-se no que tinha entendido das leituras de sua mãe, pareceu-lhe que tinha incontáveis formas de ficar arruinada. Erros cometidos pelas próprias mulheres, como parecer muito inteligentes, muito prontas, muito sábias ou muito eloqüentes podiam acabar com suas oportunidades de conseguir um bom partido. Mas qualquer erro que afetasse sua honra o resultado era “totalmente catastrófico” já que eliminava totalmente as possibilidades de se casar.

Isso era ridículo, decidiu alegremente Julianna enquanto meditava nas diferentes maneiras de cometer um erro e provocar a si mesma “uma ruína total”.

Uma mulher podia “se arruinar totalmente” se permitisse qualquer homem estar a sós com ela em um quarto, ou se lhe mostrasse uma parte dela ou inclusive se lhe concedesse uma terceira dança.

Enquanto mais pensava sobre isso mais se dava conta do que teria ficado muito, mas muitíssimo melhor se tivesse feito alguma dessas coisas que acabariam totalmente com as possibilidades de uma mulher para encontrar um bom partido. Nesse caso não teria que estar agora se enfrentando um casamento com o repulsivo sir Francis Bellhaven.

Só em pensar nisso lhe tirou a alegria e fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Procurou seu lenço e ao dar-se conta de que não tinha nenhum sorveu com o nariz. Bebeu um pouco mas da bebida tentando sem sucesso deixar de lado a tristeza.

Um bom momento depois de acabar o cigarro, Nick não se recordava onde Valerie o tinha deixado, em dúvida se ao se dirigir para a direita regressaria assim ao jardim, ou ir para esquerda se introduzindo mas no labirinto até chegar a um caminho que, como

sabia, levava até uma lateral da casa e finalmente a seu quarto.

Estava cansado e seu dormitório tinha uma enorme e muito confortável cama. Se sua mãe não tivesse lhe pedido especificamente que fosse até ali em sua viagem no caminho a Londres para dar lembranças à mãe de Valerie, ele não estaria ali. De acordo com a carta de seu pai, a saúde de sua mãe tinha piorado repentinamente e Nick não queria fazer nada, por insignificante que fosse, que a desagradasse.

Deu meia volta e se encaminhou pelo enveredado caminho que levava ao exterior do labirinto até o jardim, preparado para cumprir com sua obrigação social e filial.

Capítulo Seis

Julianna estava convencida de que uma reputação totalmente arruinada faria com que sir Francis retirasse sua oferta, mas não tinha nem idéia de como ia sobreviver se seus pais a repudiassem por isso. Sorvendo de novo outro gole da bebida, inclinou a cabeça, fechou os olhos com força e decidiu recorrer à oração. Pediu a sua avó que a ajudasse a encontrar o caminho para arruinar sua reputação. Depois pensou que seria mais inteligente apelar a uma autoridade mais alta e dirigiu diretamente o problema a Deus. Ocorreu-lhe que Deus provavelmente não aprovaria tal petição e não a ajudaria a não ser que alguém lhe informasse da situação na qual se encontrava. Sorveu outra vez, fechou os olhos com mais força e começou a explicar a Deus as razões pelas quais tinha que arruinar sua reputação. Quando estava justo na parte do casamento com sir Francis Bellhaven, chorando, uma voz profunda, rica e masculina, cheia de autoridade e uma leve compaixão, se dirigiu a ela.

— Posso ajudá-la?

Assustada, Julianna se levantou de um salto, e o coração lhe subiu à garganta batendo com força, então seus olhos divisaram uma silhueta que se recortava na escuridão e que se materializou diante dela quando começou a se mover.

A aparição se deteve justamente embaixo de um pálido raio de lua, o rosto ficou entre as sombras sem que pudesse ver seus traços. Levantou o braço devagar e algo branco pareceu boiar e ondular desde os dedos da aparição ainda que não tivesse vento.

Seus sentidos estavam aturdidos com o susto e o brandy mas viu que algo branco ondulava para ela. Avançou vacilante e procurou com o braço estendido, o objeto que se posou em sua mão que se converteu em algo real ainda que muito suave e fino. Era um lenço.

— Obrigada — sussurrou, sorrindo, enquanto secava os olhos e limpava o nariz. Depois, em vez de conservar o lenço o devolveu.

— Deveria ficar com ele.

Julianna o guardou, apertando-o contra seu coração.

— Obrigada.

— Há algo que possa fazer por você antes de ir embora?

— Não nada! Por favor! Bom sim há algo, mas queria lhe explicar... — Julianna abriu a boca para terminar de explicar a Deus porque queria ver sua vida arruinada quando se deu conta de duas coisas.

No princípio lhe pareceu que esta celestial aparição era a resposta a suas preces e que parecia ter um ligeiro acento francês. Ao cabo de um momento, quando seus olhos se acostumaram com a escuridão notou um pequeno detalhe que a golpeou de forma mais sinistra que celestial. Desde que pediu para ser arruinada, pareceu não só prudente senão imperativo fazer real aquela aparição, mas que na realidade não tinha vindo em resposta a suas orações.

Lutando contra os efeitos do brandy, Julianna examinou o homem com cautela.

— Por favor não pense que estou questionando seu... sua autenticidade... ou sua capacidade — começou com o maior respeito que pôde — mas não deveria vir vestido de branco em vez de negro?

Os olhos dele, visíveis só através das rachaduras da máscara, se arquearam num olhar de insolência e Julianna se preparou para ser golpeada por um raio. No entanto, o tom com que ele respondeu a sua pergunta foi suave.

— Num homem é costume se vestir de negro. Se aparecesse aqui vestido de branco atrairia demasiada atenção. As pessoas tentariam saber minha identidade. Primeiro observariam minha estatura, e depois meus outros traços e tentariam saber quem sou. E se me reconhecessem perderia o anonimato e com isso a liberdade de fazer o tipo de coisas que se espera fazer numa conversa como esta.

— Sim, vejo — disse Julianna sem estar do todo convicta — Suponho que isto não é algo tão extraordinário como eu pensava.

Nick pensou que este encontro era o mais extraordinário. Quando a viu a princípio ela estava chorando. De algum modo seu expressivo rosto tinha mostrado assombro, medo, terror, suspeita e agora mostrava incerteza e inclusive apreensão. Esperou até que ela lhe explicasse o que queria dele e se deu conta de que não tinha nela nada de coerente. Seu pálido cabelo loiro parecia brilhar como a prata ao

luar cada vez que movia a cabeça e seus grandes olhos pareciam de cor azul lavanda, dominando seu delicado rosto de suave e leitosa pele e uma encantadora boca. A sua beleza era sutil, visível à primeira vista. Provia da pureza de seus traços e da sinceridade de seus olhos mais do que de suas vibrantes cores ou sua exótica aparência. Não pôde calcular sua idade, mas parecia bastante jovem e algumas coisas nela não encaixavam.

O profundo suspiro dela o trouxe de volta a realidade. Começou a olhá-la inquisitivamente em silêncio.

— Poderia — disse ela muito, muito educadamente — tirar a máscara e me deixar ver seu rosto?

— Esse era o favor que queria me pedir? — lhe perguntou, pensando se ela estaria em seus sonhos.

— Não, mas não poderei perguntar até que não veja seu rosto.

Ao ver que ele não fazia nenhum movimento para tirar, implorou com voz tremula e desesperada

— É terrivelmente importante!

Nick duvidou e então, por pura curiosidade, decidiu atender o seu pedido. Tirou a máscara e saiu de entre as sombras para lhe oferecer uma boa visão de seu rosto e esperou para ver sua reação.

E a viu.

Ela tampou a boca com a mão e seus olhos se abriram arregalados. Nick avançou para ela pensando que ia desmaiar, mas o repentino riso histérico dela fez com que ficasse no meio do caminho. Depois ela começou a rir às gargalhadas enquanto se deixava cair no banco de pedra e tampava o rosto com as mãos, o corpo estremecendo de riso. Olhou-o duas vezes por entre os dedos para certificar-se de que tinha visto bem e as duas vezes acabou rindo mais ainda.

Finalmente, com um grande esforço, Julianna conseguiu se dominar. Levantou seu rosto para ele com os olhos ainda brilhando de riso e observou com incredulidade o rosto do único homem, em toda Inglaterra, que tinha feito com que seu coração vibrasse. E agora, enquanto ela continuava em estado de choque, o rosto dele estava começando a ter nela o mesmo efeito da primeira vez em que o viu. Mas nesta ocasião tinha uma diferença, um pequeno sorriso em seus lábios e não tinha fria dureza em seus olhos, apenas especulação. Depois de tudo, a expressão era definitivamente de interesse.

Isso era o suficientemente alentador para levantar-lhe o ânimo e

devolver a confiança, ao mesmo tempo em que a convencia de que tinha tomado a decisão certa minutos antes. Tinha rezado para arruinar sua reputação e agora ia conseguir nas costas do solteiro mais cobiçado da Europa, Nicholas du Ville em pessoa. Isto era ainda melhor, dava-lhe elegância e estilo. Como recompensa por ter sacrificado sua reputação para enganar a sir Francis, ia obter umas doces recordações para conservar.

— Não estou louca, ainda que possa parecê-lo — começou a dizer — e tenho que lhe perguntar se poderia me fazer um favor.

Nick sabia que tinha que sair dali, mas estava estranhamente cativado pelo contagioso riso dela, sua encantadora aparência e suas assombrosas reações, que lhe deprimia apenas a idéia de voltar ao baile.

— Qual é exatamente esse favor?

— É um pouco complicado de explicar — disse ela.

Ele a olhou tentando saber o que é que tinha estado bebendo, ela deu um gole como se precisasse para pegar forças e levantou seus grandes e sinceros olhos para ele.

— A verdade é que é bastante difícil — Falou enrugando seu nariz respingado.

— Como pode ver — respondeu Nick esboçando um sorriso e fazendo uma pequena reverência — estou completamente a seu serviço.

— Espero que siga se sentindo assim depois que tenha ouvido o que tenho que lhe pedir — murmurou ela inquieta.

— De que se trata?

— Desejo que arruíne minha reputação.

Capítulo Sete

Até esse momento, se Nick estivesse disposto a apostar toda sua fortuna que nada do que pudesse dizer uma mulher poderia lhe surpreender, teria perdido, pois esta tinha conseguido lhe deixar estupefato.

Julianna observou como ele tentava esconder sua surpresa e esboçou outra de suas inaceitáveis risadas. Não que tivesse vontade de rir, e sim por culpa dessa poção diabólica que os homens bebem para se sentir bem mais otimistas.

— Perguntei se estaria disposto a arruinar minha reputação.

O tempo se deteve enquanto Nick a estudava com o rabo do olho e procurava no bolso o último dos dois cigarros que tinha trazido com ele.

— A que se refere... — perguntou com cautela enquanto agachava a cabeça para acender o cigarro — ... exatamente com isso?

— Me refiro que me agradaria muito se me arruinasse — repetiu Julianna olhando-o enquanto tampava com suas mãos a chama tentando ver melhor sua expressão — Quero dizer, o que quisesse fazer até ser inaceitável para qualquer homem — especificou — para não ser obrigada a me casar. Isto é, quero ficar arruinada.

Em vez de reagir, ele apoiou sua bota no banco de pedra ao lado dela e a olhou em silêncio, pensativo, girando o cigarro entre seus dentes brancos.

— Acredito... eu acredito que não poderia ser mais clara — disse ela com ansiedade.

— Não, não acredito que pudesse.

Ela se inclinou um pouco se aproximando da perna dele, mexeu a cabeça vasculhando seu inexpressivo rosto enquanto o olhava de longe.

— Entende o que quero dizer?

— Seria difícil não entender.

Não parecia muito entusiasmado, assim ela deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Pagaria por isso.

Desta vez Nick mostrou sua surpresa sem deixar de sorrir, pensando na facilidade que ela tinha para lhe causar essa reação.

— Isso o faz mais interessante — disse em voz alta — e tudo numa mesma noite — Acreditando que ela esperava uma resposta, baixou o olhar para ela e com seu rebelde sorriso nos lábios disse com suavidade:

— É uma oferta muito apetitosa.

— Prometo cooperar — disse ela inclinando-se para frente e olhando-o com seus sinceros olhos cheios de esperança.

— Os incentivos estão ficando mais irresistíveis a cada momento. Nick a deixou esperando sua decisão enquanto olhava para longe, analisando a situação e a fascinante jovem sentada no banco ao lado de sua perna. Não sabia exatamente que idade ela teria, mas sabia que não era uma delicada debutante desde que lhe pediu que lhe fizesse “esse” favor. As pistas tinham estado aí desde o princípio, começando pelo fato de que ela se encontrava só na escuridão, num lugar afastado, com um homem que não lhe tinha sido apresentado de forma apropriada, e ela não tinha feito nada para corrigir essa situação.

Mais ainda, o vestido que vestia era muito revelador, com um sedutor decote que deixava entreverem seus exuberantes seios e talhado para marcar a estreita cintura. Nenhuma matrona da alta sociedade teria permitido que sua inocente filha aparecesse com um vestido assim. Era o vestido de uma atrevida mulher casada ou uma cortesã.

Não levava anel de compromisso, o que deixava só uma possibilidade. Essa idéia se via reforçada pelo fato de que os jovens cavaleiros elevados levavam suas amantes aos bailes de máscaras como uma espécie de brincadeira. Algumas das cortesãs mais bonitas e solicitadas de Londres estavam presentes nesse baile e Nick se deu conta do fato de que a angelical criatura que estava a seu lado era uma delas e queria fazer ciúmes a quem quer que a tenha levado até ali.

Depois de fazer seu pedido estava agora esperando sua resposta. O que dava para perceber era que ela tinha sido “arruinada” fazia tempo e com frequência, desde que soube que tinha intenção de lhe pagar, mas essa última aproximação tinha sido tão maravilhosamente criativa que o tinha impressionado. Ela não só era encantadora, era

única. E extremamente divertida. Com seu aspecto e sua imaginação, sua suavidade e sua voz culta, não teria que procurar muito para encontrar um novo protetor. De fato demonstrava que iria contente para sua cama essa noite, e ele estava seriamente tentado em aceitar. Julianna olhava fixamente a firme mandíbula dele, num suspense agonizante, enquanto ele mantinha seu rosto inexpressivo e o olhar no horizonte, com as mãos nos bolsos e a capa sobre os ombros. Tinha os olhos semicerrados e parecia estar sorrindo, ainda que isso seguramente se devesse à forma em que segurava o cigarro entre os dentes.

Incapaz de agüentar a espera por mais tempo disse bruscamente:

— Já se decidiu?

Ele dirigiu seu olhar para o rosto dela e Julianna sentiu o impacto do devastador sorriso que iluminou o rosto dele.

— Não vou cobrar barato — caçoou Nicki.

— Não tenho muito dinheiro... — admitiu, e Nick começou a emitir uma risada que se converteu em gargalhada quando ela começou a remexer em seu pequeno bolso a procura do dinheiro.

Estendeu um braço para ela enquanto dizia:

— Procuremos um lugar mas adequado para levar a cabo...eh...

— Minha ruína? — terminou ela esperançosa. Levantou-se e endireitou os ombros, levantou o queixo e com a determinação e o porte de uma rainha anunciou:

— Vamos então.

Ele a guiou até o fundo da cerca-viva seguindo uma ligeira recordação de quando Valerie e ele estiveram perdidos no parque. Enquanto caminhavam lhe ocorreu que era necessário que se apresentassem primeiro, mas quando ele disse a ela, lhe respondeu que já sabia quem era ele.

— E você, quem é? — perguntou Nick diante da recusa dela de lhe proporcionar essa informação.

Em algum lugar de sua confundida mente, Julianna imersa no irreal sonho da noite e a lua com um aposto e um desejável homem a seu lado, sentiu-se de repente assaltada pela precaução. Tentando pensar num nome falso, olhou o vestido.

— Marie — respondeu depois de uma pequena pausa — deve me chamar de Marie.

— Como em “Antoinette”? — brincou Nick se perguntando porque

mentia.

Por essa resposta ela moveu seu braço esquerdo com um gesto majestoso e disse divertida:

— Deixe que comam torta — Um segundo mais tarde parou

— Aonde vamos?

— A meu quarto.

Julianna repassou mentalmente todas as possibilidades de ruína: três danças com o mesmo homem, permitir a um homem mostrar debilidade e estar a sós com um homem num quarto. Assentiu com a cabeça.

— Está bem, suponho que você sabe mais sobre isto do que eu.

— Eu duvido — pensou Nicki.

Passearam em silêncio e lhe agradou também isso dela. Não parecia precisar falar desnecessariamente. Quando por fim ela rompeu o silêncio, inclusive o momento era adequado ainda que o tema fosse outra deslumbrante demonstração de que sua experiência com as mulheres não era tão vasta como pensava. Ela ia olhando o chão quando levantou a cabeça e disse solenemente:

— Muitas vezes me surpreendo pensando em minhocas. Você não?

— Não tanto como costumava fazer quando era criança — mentiu Nick engolindo uma gargalhada. Não poderia recordar isto sem rir durante toda a semana.

— Então considere isto e diga se pode pensar numa resposta — sugeriu ela em um tom grave — Se Deus as fez assim para que se arrastassem pelo chão como o fazem se não têm joelhos? — Nick parou, seus ombros se moviam de riso acumulado enquanto voltava-se para ela.

— O que acabou de dizer?

Seu angelical rosto se levantou para olhar o rosto dele, com os olhos brilhantes, seus seios convidativos e seus generosos lábios movendo-se enquanto dizia:

— Perguntei porque as minhocas não têm joelhos.

— Isso é o que me tinha parecido — pegou-a pelos ombros e a atraiu bruscamente para seus braços rendendo-se ao incontrolável impulso de dominar seu riso contra os suaves lábios que a tinham provocado. Soltou-a tão rápido como a tinha pegado, sem saber se o olhar dela era de surpresa ou de desgosto.

Decidiu que não queria discutir com a mulher que ia compartilhar

sua cama. Deu um passo para trás e se afastou. Apesar de tudo não pôde deixar de olhar discretamente para ela mais de uma vez na escuridão para observar sua reação. Relaxou quando viu que sorria confundida enquanto tocava os lábios.

Não estava seguro de que tivesse andando corretamente pelo labirinto até que rodearam a última esquina e encontraram a saída secreta que ia até o lateral da casa. Sabendo antecipadamente que iam ficar à vista dos bêbados durante alguns momentos, ainda que a uma distância razoável deles, Nick teve cuidado de se pôr à esquerda de Julianna entre ela e a casa.

— Por que vamos tão depressa? — perguntou ela.

— Porque estamos à vista de todos neste lugar. Ela se pôs a sua altura para vê-lo por si mesma.

— Deixa que eles também comam torta! — disse divertida com um majestoso movimento de seu braço. Levantou a voz e disse

— Todos vocês têm minha permissão para comer torta!

Nick encolheu os ombros, horrorizado, ao mesmo tempo em que continha uma gargalhada.

Capítulo Oito

No quarto, Julianna se sentou sobre um pequeno sofá coberto com brocado dourado, sentindo-se como se estivesse vivendo um sonho, enquanto olhava como ele tirava a capa o branco pescoço aparecendo. Em sua cabeça começaram a soar alarmes de campainhas fazendo que se sentisse tremendamente mareada, ou quem sabe era a recordação da boca dele na sua que fizesse com que sua mente boiasse.

Abaixou o vestido porque parecia que era o que tinha que fazer e então começou a se preocupar com o que viu.

Depois de tirar a capa, Nick se desfez de sua camisa e foi até a polida mesa onde tinha uma bandeja com copos e licores. Tirou o tampa do brandy, olhou acima de seu ombro para perguntar a ela se queria algo, mas o que viu o fez ficar olhando desconcertado para ela, e girou completamente para melhor observar.

Ela estava sentada no sofá, dobrada pela cintura tanto como podia olhando algo que tinha no chão.

— Que faz? — perguntou.

Ela respondeu sem levantar o olhar.

— Não tenho nenhum dedo no pé.

— Que quer dizer com isso? — perguntou irritado enquanto começava a pensar que tudo o que ela disse e fez no labirinto que tinha lhe parecido tão divertido, naquele momento, inclusive seu desejo de ser arruinada, poderia ser devido a uma intoxicação ou a uma mente desequilibrada. Sua voz se fez intencionalmente cortante.

— Poderia se levantar — disse de repente.

Julianna ficou paralisada diante de seu tom e lentamente se pôs reta. Assustada pelo tom de sua voz, fez o que ele tinha ordenado e se pôs de pé, incapaz de acreditar que o severo homem que estava ali a seu lado era o mesmo que tinha caçoado com ela e a tinha beijado.

Olhou-o aturdida e desorientada. Com uma ira que ia aumentando, decepcionado e desagradado por sua própria ingenuidade, ele disse mordazmente.

— É capaz de dizer algo que possa me convencer de que é capaz de ter um pensamento inteligente neste momento?

Julianna estremeceu com essa voz familiar. Tinha exatamente a mesma entonação autoritária, o mesmo desdém de superioridade que a tinha humilhado no parque. Aquela noite sua reação se viu dificultada pelo brandy e a surpresa, mas quando reagiu o fez de forma instintiva e defensiva ainda que coibida. Ela queria que essa noite fosse especial para conservá-la para sempre na memória.

— Acredito que posso — disse com suavidade levantando o queixo com a voz algo trêmula — Deveríamos começar pela filosofia grega?

Dando uma palmada, deu a volta, pretendendo analisar o quadro que estava sobre a chaminé e continuou:

— Sócrates tinha interessantes opiniões sobre o conhecimento e a ética. Platão era mais profundo...

Julianna tentava desesperadamente abrir sua mente e recordar tudo o que sabia sobre os filósofos tanto antigos como modernos.

— Voltaire é meu favorito, desfruto com seu talento, mas todos os modernos...

— Sua voz se arrastava enquanto ouvia como ele se aproximava por trás e continuou

— De todos os filósofos modernos do que mais sei é uma mulher. Chamava-se Sarah.

Ele se deteve tão próximo dela que podia sentir suas costas.

Tremendo de incerteza Julianna perguntou:

— Compartilho com você a teoria de Sarah?

— Claro — disse contrariado, tão próximo dela que seu hálito moveu o cabelo de Julianna.

— A teoria de Sarah é de que uma vez as mulheres foram consideradas superiores aos homens, mas que estes com sua enganosa arrogância encontraram a forma de...

O corpo de Julianna ficou tenso quando mãos rodearam seus ombros e apertaram as costas dela contra seu corpo.

— Os homens encontraram a forma de nos convencer de que tínhamos a inteligência de um mosquito e...

Seus cálidos lábios tocaram uma parte sensível por trás de sua orelha provocando-lhe um arrepio por todo o corpo.

— Continua — falou com voz suave, sua boca no ouvido dela.

Julianna tentou, mas sua respiração saiu inesperadamente num brusco suspiro. Estava perdendo o controle de novo, deixando que o brandy a acalmasse e a convencesse de que aquilo era correto. Era isso ou sir Francis Bellhaven. Doce e suave tortura de recordações para conservar...ou uma vida com o homem que lhe provocava náuseas. Seguramente tinha direito a uns minutos a mais, decidiu.

Nick sentiu o coração dela batendo depressa sob sua mão enquanto a deslizava por seu estômago, dando-se tempo antes de tocar os tentadores seios que era seu objetivo. Depositou um beijo na suave têmpora e outro na delicada bochecha. Ela cheirava como o ar fresco e em suas mãos era como...

Madeira.

Ela respirava como se estivesse correndo, seu coração batia como se...

Frio.

Nick levantou a cabeça e sem dizer uma palavra e a virou. Com incredulidade olhou o rubor de suas bochechas e seus agitados olhos que tinham escurecido até um violeta profundo, olhos que lhe olhavam com incerteza. O vermelho de suas bochechas se fez mais intenso enquanto ele observava cada uma das expressões de seu rosto. Procurando algo, qualquer coisa que indicasse que isto não era novo e aterrorizador para ela. Ele desejava descobrir algo que lhe indicasse que ela tinha experiência nisto.

A única coisa que encontrou foi inocência. Esta era sua primeira vez.

Ela nunca tinha feito isto antes.

Apesar de tudo, ele a desejava. Não, deu-se conta de que a desejava três vezes mais por isso. Ela estava ali, o tinha pedido e tinha se oferecido inclusive para lhe pagar por isso. E mesmo assim ele duvidava. Pegou seu queixo entre o dedo indicador e o polegar, e a forçou para que o olhasse. Com uma voz tranquilizadora lhe perguntou:

— Está absolutamente segura de que quer estar aqui...para fazer isto?

Julianna engoliu saliva com esforço e assentiu debilmente.

— É algo que devo fazer. Preciso e devo passar por isso.

— Está completamente segura?

Ela assentiu e Nick fez o que tinha estado desejando fazer desde o primeiro momento. Enquanto baixava a cabeça teve o inquietante pressentimento de que não estava só tirando-lhe a virgindade e sim que estava destruindo um anjo. Apoderou-se de sua boca com violenta ternura e a forçou a responder. Então a apertou fortemente enquanto ela gemia em seus braços e suas mãos tropeçavam nas suas. Então a moveu para diante se si suas mãos percorrendo-a inteira até chegar aos trêmulos seios.

— Não! — disse tão de repente que lhe pegou de surpresa — Não posso! Não posso! Isso não!

Moveu a cabeça bruscamente enquanto Nick a olhava com incredulidade. Em um momento ela estava lhe beijando, seus braços rodeando-lhe suavemente o pescoço, com seu corpo moldando-se instintivamente ao dele. E agora ela corria até o outro extremo do quarto deixando-o ali, abrindo bruscamente a porta e afastando-se...

Diretamente para Valerie e outra mulher que parecia uma louca dizendo que sua filha tinha sido seqüestrada e pedia que a procurasse por toda a casa. Como num sonho, ou melhor como um pesadelo, viu como a mulher que tinha lhe encontrado no parque se abraçava à jovem que tinha sido sua um momento antes. Só que a mulher maior parecia diferente agora, não parecia que fosse um prazer lhe ver, e sim com um olhar de triunfante hostilidade ao mesmo tempo em que dizia:

— Depois de levar a minha filha para cama e chamado meu marido, falaremos disto em particular.

Capítulo Nove

— Julianna? — O tom de voz de sua mãe soava como um chio. A cabeça lhe doía terrivelmente, tanto que inclusive parecia que lhe doíam os dentes e as gengivas. Em todo mundo a única coisa que não era horrível essa manhã era sua mãe, que deveria estar furiosa. Julianna pensou que a repudiaria pelo que tinha feito essa noite, e no entanto sua mãe atuava com um doce entendimento, sem perguntas nem recriminações.

Feito uma novela, encurralada contra a porta da carruagem, fora da vista dos demais, Julianna observava a casa onde tinha ocorrido tudo.

— Vou vomitar — sussurrou.

— Não querida, isso não seria nada agradável.

Julianna engoliu saliva duas vezes.

— Estamos chegando em casa?

— Não vamos para casa.

— Para onde vamos então?

— Exatamente...aqui — disse sua mãe inclinando-se para um lado enquanto procurava algo com os olhos entrecerrados que de repente se abriram com deleite.

Julianna fez um esforço para ver o que era “aqui” e só viu uma agradável casinha de campo com a carruagem de seu pai em frente e outra carruagem com um escudo pintado na lateral. E então viu a capela. E no jardim da capela, ignorando seu pai e olhando a carruagem que chegava, estava Nicholas du Ville com uma expressão em seu olhar bem mais glacial e depreciativa que a que lhe dedicou no parque.

— Por que estamos aqui? — gritou Julianna sentindo-se débil devido ao choque, as náuseas e a dor de cabeça.

— Para assistir seu casamento com Nicholas du Ville.

— Meu o que?! Mas...Por que?

— Por que se casa com você? — perguntou sua mãe secamente enquanto abria a porta — Porque não tem outra escolha. Depois de tudo é um cavaleiro. Conhecia as regras e mesmo assim as rompeu. Nossa anfitriã e dois serventes te viram sair de seu quarto. Ele

arruinou a reputação de uma inocente e educada senhorita, se não se casasse com você estaria arruinada para sempre e ele nunca mais seria considerado um cavaleiro por seus iguais. Seu próprio código da honra lhe obriga a fazê-lo.

— Eu não quero isto! — gritou Julianna — Eu vou dizer a ele claramente.

— Eu não queria que isto se acontecesse — balbuciava Julianna quinze minutos depois enquanto a empurravam à força até o carro de seu novo marido. Ele não tinha pronunciado uma só palavra exceto para fazer seus votos matrimoniais.

Agora lhe disse:

— Cala-se e entre.

— Aonde vamos? — perguntou ela.

— A sua nova casa — respondeu com sarcasmo - “Sua” nova casa — especificou.

Capítulo Dez

Cantarolando uma melodia, sentada diante da mesa do toucador de seu quarto, Julianna atou umas pequenas bagas vermelhas à fita verde escura que segurava o pesado cabelo loiro em pequenos cachos.

Satisfeita, se levantou e alisou as rugas de seu vestido de lã verde, e se dirigiu para a sala onde tentou trabalhar em seu novo manuscrito em frente ao acolhedor fogo da chaminé.

Nos três meses que tinham passado desde que seu marido se deitou com ela, tirando-lhe a virgindade sem muitas cerimônias, na propriedade pouca horas depois do casamento para depois ir embora, ela não o tinha visto desde então, nem tinha tido notícias suas. A tal ponto que cada detalhe daquele horrível dia estava marcado em sua mente com tanta clareza que ainda lhe provocava um nó no estômago pela vergonha.

Tinha sido uma obscena paródia de um casamento para valer, um adequado final para o que tinha começado num baile de máscaras. Longe de condenar a atitude de Julianna àquela noite, sua mãe considerou como um prático e engenhoso método para agarrar o mais desejado marido entre os membros da alta sociedade. Em vez de dar-lhe conselhos maternos sobre o casal e os filhos antes que sua filha se encaminhasse até o altar, sua mãe lhe advertiu dos tipos de peles que teria que exigir de seu marido.

O pai de Julianna, por sua vez, tinha obviamente uma clara idéia da situação real, isto é que sua filha tinha arruinado a si mesma e que o noivo tinha participado. Aceitou o fato se anestesiando com, pelo menos, uma garrafa inteira de Vinho Madeira, antes de conduzi-la, com passo vacilante mas com graça até o altar. Para acabar de arrematar a horrível cena, era evidente que a noiva estava sofrendo os efeitos de uma grande ressaca e o noivo...

Julianna estremeceu ao recordar o ódio que tinha nos olhos dele quando se viu forçado a se casar com ela. Inclusive a imagem do padre que celebrou o casamento estava gravado em sua mente. Ainda podia

vê-lo ali de pé, sua amabilidade se convergiu em estupefação quando, ao final da cerimônia, o noivo respondeu à sugestão de beijar a noiva olhando-a com desdém e girando sobre seus calcanhares para sair dali.

Na carruagem durante o caminho para casa, Julianna tentou falar com ele, desculpar-se, explicar-se. Ele a escutou falar num silêncio gelado para dizer ao final:

— Se eu escutar mais uma palavra de tua boca, eu não respondo por mim.

Nos meses que tinham passado desde que a abandonou como uma bagagem não desejada, Julianna tinha aprendido muito sobre a agonia da solidão, não a solidão que provoca a perda de um ser querido, mas a que se sente quando é recusada, desprezada e desonrada.

Tinha sabido isso e muito mais, como por exemplo o rumor que corria sobre o notório assunto de Nick com uma bailarina de ópera muito formosa antes que a notícia sobre seu repentino casamento tomasse força.

Ele a estava castigando e ela sabia. Estava humilhando-a publicamente como represália sobre o que acreditava, e acreditaria sempre, que tinha sido uma armadilha criada por Julianna e sua mãe. E o pior de tudo era que Julianna se colocava em seu lugar e via as coisas sob seu mesmo ponto de vista. Podia entender exatamente como se sentia e o motivo.

Até a última semana sua vingança tinha sido completamente devastadora. Ela tinha se desfeito em lágrimas sobre o travesseiro, atormentando-se com a recordação do ódio nos olhos dele no dia de seu casamento, e lhe tinha escrito uma dúzia de cartas tentando explicar-lhe o ocorrido. A única resposta dele foi uma mensagem enviada por seu secretário avisando-a de que se tentasse entrar em contato com ele de novo, a colocaria para fora de casa sem um xelin.

Esperava que Julianna du Ville vivesse o resto de sua vida na solidão fazendo penitência por um pecado que tinha sido mais culpa dele do que dela. Nicholas du Ville tinha mais cinco residências, todas elas imponentes e mais acessíveis às visitas. De acordo com os rumores que podia ler nos jornais e os detalhes de informação que pôde reunir através de Sheridan Westmoreland, seu marido dava fabulosas festas para suas amigas e Julianna estava segura de que algumas se desenvolviam no dormitório dele. Até a última semana os dias tinham passado com lentidão numa

agonia causada pela sua vida vazia e o auto desprezo, sem nada que a aliviasse exceto o desabafo que tentava ao escrever cartas para sua avó. Mas agora tudo tinha mudado e ia mudar mais a cada dia.

Nesta última semana tinha recebido uma carta de um editor de Londres que queria comprar sua última novela. Na carta o Sr. Framingham comparou entusiasmado Julianna com Jane Austen, destacando seu humor e a notável sutileza com que descrevia a arrogância da alta sociedade e a inutilidade de tentar pertencer a um lugar ao qual nunca pertenceria.

O editor inclusive tinha incluído em sua carta dinheiro como antecipação de outros que viriam mais tarde uma vez que a novela fosse aprovada e publicada. Essa carta significava independência e reconhecimento, era a libertação da escravatura na qual estava desde seu casamento com Nicholas du Ville. Era tudo que sonhava.

Já estava sonhando acordada com o lugar onde ia viver em Londres, algo alegre e pequeno, num bairro respeitável, justo o que ela e a avó tinham planejado sempre para quando recebesse a herança. No final do ano seguinte poderia ter dinheiro suficiente para abandonar aquela prisão na qual tinha sido abandonada e esquecida.

Seus sonhos a noite não eram tão alegres, neles se encontrava indefesa, Nick estava neles da mesma forma que no labirinto, com sua bota sobre o banco a seu lado, olhando ao longe com o cigarro entre os dentes, sorrindo enquanto a escutava pedindo-lhe que arruinasse sua reputação. No sonho ele caçoava sobre a oferta de pagamento por parte dela, beijava-a e então Julianna acordava com o coração batendo forte e a sensação da boca dele na sua.

Mas pela manhã, com a luz do sol entrando através das janelas, o futuro de novo era seu e o passado...ficava no quarto entre os lençóis. Agora mais do que nunca seu refúgio era escrever.

Lá embaixo, no salão, Larkin, o mordomo, estava preparando a bandeja do café da manhã com uma jarra de chocolate e torradas com manteiga, na mesinha que estava por trás da escrivaninha.

— Obrigada Larkin — disse com um sorriso ao mesmo tempo em que se sentava na cadeira.

À tarde já ia avançada e Julianna estava completamente envolvida em seu manuscrito quando Larkin a interrompeu com voz tensa.

— Milady?

Julianna levantou a pluma fazendo um gesto que indicava que

esperasse até que terminasse o que estava escrevendo.

— Mas...

Julianna moveu a cabeça com firmeza pedindo-lhe que esperasse. Ali não acontecia nada urgente e ela sabia. Nunca chegavam visitas inesperadas e não surgia nunca nenhum incidente doméstico que não pudesse esperar. A casa funcionava como uma máquina bem engraxada de acordo com as ordens do dono, o mordomo só fazia conferência com ela por cortesia. Ela era só era uma convidada ainda que às vezes lhe parecia que os criados se compadeciam de sua situação, especialmente o mordomo. Satisfeita, Julianna deixou a pluma de lado e levantou a cabeça.

— Perdoe-me Larkin — disse notando que ele a olhava a ponto de estourar pela tensão da espera até que ela lhe prestou atendimento — mas se não escrevo o que estou pensando no momento, as vezes o esqueço. Que queria me dizer?

— Milorde acaba de chegar milady. Quer vê-la no estúdio imediatamente — a impressão e a esperança perdida fizeram cair o ânimo de Julianna pelo chão antes que ele continuasse — E trouxe seu valete com ele.

Julianna, pouco familiarizada com os hábitos de viagem de um cavaleiro rico, olhou-o confundida.

— Isso quer dizer — lhe confiou Larkin — que ficará para dormir.

De pé diante da janela do estúdio, Nick olhou com impaciência a mesma paisagem de inverno que normalmente costumava lhe agradar, enquanto esperava por culpa da intrigante pequena traiçoeira com quem tinha sido forçado a se casar. O dia da festa a fantasia já estava quase apagado de sua memória, mas não acontecia o mesmo com o do casamento. Tinha começado com uma bandeja de café da manhã enviada por Valerie em pessoa e continuado com uma série de referências sarcásticas por parte dela dizendo que tinha sido o único “peixe gordo” de Londres o suficientemente estúpido para morder o anzol de Julianna aterrizando assim nas redes de sua mãe. Antes pedi-la para sair de seu quarto ela tinha realizado um bom trabalho aumentando as dúvidas de Nick quanto à inocência de Julianna, mas ele se negou a acreditar que Julianna tivesse tentado agarrá-lo.

Ele tinha se apegado à ilusão de que tudo tinha sido um acidente. Com um pouco de ingenuidade e desilusão que não sabia que possuía, tentou dirigir sua atenção a forma adorável que ela tinha agido e em

como se encaixava perfeitamente em seus braços. Convenceu-se de que ela podia ser uma perfeita esposa para ele e se apegou a essa idéia enquanto a esperava no altar. Se não tivesse estado tão exasperado com sua nauseante sogra, talvez tivesse rido da expressão de Julianna quando esta desceu do carro.

Sua pequena noiva talvez estivesse pálida pelos efeitos da noite anterior, mas não estava tão doente para não poder falar de peles com sua mãe. Ele as tinha ouvido falar enquanto esperava.

Ela tentaria algum outro ardil enquanto ele estivesse em casa, Nick estava seguro disso, não só era muito ardilosa, mas também suficientemente inteligente para saber que nunca poderia lhe convencer de sua inocência. Baseando-se nisso ele tinha esperado uma confissão, uma confirmação de que tinha atuado assim obrigada por sua mãe.

Virou-se ao ouvir o som da porta ao abrir-se, esperando vê-la com melhor aparência do que a última vez que a viu, tão triste. Quem sabe mais arrependida. Então se daria conta de que tinha se equivocado.

— Acredito que queira falar comigo — disse ela com aprumo.

Ele assinalou secamente uma cadeira que estava na frente ordenando-lhe em silêncio que se sentasse.

Julianna tinha sentido uma pequena luz de esperança minutos antes quando soube que ele estava ali, mas essa luz morreu no instante que ele a olhou com esse insolente e avaliador olhar. Deu-se conta, com tristeza, de que ele não tinha suavizado.

— Irei direto ao que interessa — disse Nick sem preâmbulos enquanto se sentava atrás da escrivaninha — Os médicos nos disseram que o coração de minha mãe está debilitando e que ela está morrendo

— Seu rosto e sua voz estavam cuidadosamente controlados, completamente desprovidos de emoção, tanto que Julianna se deu conta imediatamente que os sentimentos que ele experimentava eram extremamente dolorosos — Será seu último Natal.

— Sinto muito ouvir isso — disse Julianna suavemente.

Em vez de responder, ele a olhou como se pensasse que ela era o ser humano mais repugnante que jamais tinha visto. Incapaz de resistir à necessidade de tentar se convencer de que ela ao menos era capaz de sentir compaixão disse:

— Eu era muito ligada a minha avó, mais do que a ninguém no mundo, quando morreu fiquei desolada. Ainda falo com ela e penso nela

constantemente. Eu...inclusive lhe escrevo cartas ainda que sei que não pode lê-las.

Ele a interrompeu como se ela não tivesse falado.

— Meu pai me informou inclusive que ela está profundamente preocupada pelo estado de nosso tão falado casamento. Por tudo isso, meu pai deseja e eu decidi, que seus últimos Natais sejam de festas felizes. E você vai colaborar assegurando de que o sejam.

Julianna engoliu em seco e assentiu. Levada pela mesma desesperada ilusão que sentiu no dia que o encontrou no parque por dizer-lhe algo agradável, assegurou-lhe suavemente:

— Farei tudo ao meu alcance.

Em vez de mostrar-se agradecido ou satisfeito com ela, ele a olhou com asco.

— Não precisa se esforçar mais que o mínimo, para você será muito singelo. Só precisa imaginar que está em um baile de máscaras. Quando meus pais chegarem amanhã, quero que pareça ser uma devotada e carinhosa esposa. Eu... — falou — tenho uma tarefa mas difícil. Tenho que tentar viver na mesma casa que você.

Levantou-se.

— Meu valete e eu ficaremos aqui até que meus pais irem embora dentro de uma semana. Espero que se mantenha fora de minha vista exceto quando eles estejam presentes.

Saiu dando grandes e rápidas passadas como se não pudesse estar na mesma casa que ela nem um minuto a mais.

Capítulo Onze

Com a facilidade que levava anos de prática, Nick estava diante do espelho fazendo e desfazendo complicados nós no lenço enquanto procurava ânimo para descer. Esperava não desfrutar do tempo que passasse ali com Julianna, mas não esperava que fosse como passar uma semana no inferno.

Felizmente o suplício estava a ponto de terminar, só teria que suportar a abertura dos presentes de Natal essa noite. Amanhã seus pais iriam embora e ele os seguiria não mais que um quarto de hora depois.

Pelo menos teria a satisfação de saber que tinha feito sua mãe feliz. Era evidente que os olhos dela brilhavam com qualquer indício de afeto entre ele e Julianna, o qual não tinha tido remédio que lhe dar provas suficientes.

Para ser justo com Julianna, tinha que reconhecer que ela cooperou, olhava-o com doçura, lhe sorria, ria de suas brincadeiras e flertava com ele. Pegava-lhe do braço quando iam jantar e caminhava a seu lado, sentava-se na cabeceira da mesa brilhando com luz própria e se vestia como se seu maior interesse fosse dar prazer a seu marido e ele podia ver como os vestidos ficavam melhores nela do que em qualquer mulher que tivesse conhecido.

Julianna abençoava a mesa tão bem como qualquer anfitriã experiente, mas com mais naturalidade e elegância. Deus, realmente era elegante! As coisas transcorriam alegremente quando ela estava presente. Além do mais era uma maravilhosa conversadora, atenciosa e desejosa de agradar. Falava sobre o que tinha escrito quando lhe perguntavam por isso e inclusive sobre sua avó a quem evidentemente tinha estado mais próxima dela do que sua mãe.

Se ele não tivesse sabido que ela estava atuando, se não sentisse tanto desprezo por ela, Nick talvez tivesse ficado profundamente agradecido. Tinha vezes, muitas, que esquecia quem era na realidade, momentos nos quais só podia recordar o quão encantador que era seu sorriso, a amabilidade que demonstrava com seus pais e a forma com que sorria. Por duas vezes tinha se aproximado dela inclinando-se para

beijá-la nos lábios porque isso era o que parecia mais normal e adequado.

Mas depois se obrigava a não perder de vista a situação forçada na qual se encontravam, com sua mãe pondo nome em netos que nunca existiriam. Sua mãe estava a par dos rumores que circulavam sobre seu casamento com Julianna, mas apesar disso fazia questão de chegar a suas próprias conclusões sobre o assunto. Adorava Julianna e o deixava patente com clareza. Inclusive chegou a lhe mostrar pequenos retratos de Nick quando era jovem. Sabia que tinha pouco tempo para compartilhá-lo com sua nora e estava decidida a aproveitá-lo o melhor possível. Desejava que Julianna e Nick estivessem próximos dela quase o tempo todo.

Na última noite, Julianna tinha se sentado no braço da poltrona de seu marido. Sua sogra estava contando episódios da infância de Nick e toda a família estava rindo. Julianna riu tão forte que escorregou caindo no colo dele, o que fez com que ele se irritasse, levantou-se rapidamente, pois o corpo de Nick reagiu e ela pôde sentir a ereção dele.

Nicholas odiou a si mesmo por reagir desse modo diante dela. Se tivesse sido capaz de manter as mãos afastadas de Julianna desde o princípio agora não estaria nesta situação.

Quando terminou de colocar o lenço, virou-se enquanto seu valete lhe segurava a jaqueta de veludo de cor escura. A colocou dizendo a si mesmo que essa ia ser a última noite de suplício diante de sua família para se animar.

De repente se deu conta de que não teria outra reunião familiar no Natal, não para ele. Sacudiu a cabeça como para afastar a dor que lhe provocava esse pensamento.

Pelo menos a atuação deles dois tinha tranquilizado sua mãe. Ela acreditava que ele estava feliz casado, que dormia com sua esposa e fazendo tudo o necessário para conseguir um herdeiro.

Felizmente no dia seguinte, a essa mesma hora, estaria no caminho para sua casa em Devon.

— Nick irá embora daqui tão logo nossa carruagem tenha desaparecido do caminho — disse a mãe de Nicholas a seu marido enquanto se vestiam para o jantar.

Como resposta ele a beijou na cabeça enquanto lhe punha um colar de diamantes ao redor do pescoço.

— Não pode fazer mais do que já fez querida. Não se martirize, não é bom para seu coração.

— Não é bom para meu coração saber que depois de tantos anos de se relacionar com mulheres pouco apropriadas, Nick se casou com uma que é perfeita para ele. E para mim, deveria continuar. E não vai compartilhar a cama com ela!

— Por favor — ele se scandalizou — não me diga que perguntou aos criados.

— Não preciso perguntar nada — disse ela tristemente — tenho olhos. Se ele dormisse com sua esposa, Julianna não lhe olharia com esse olhar de desesperada nostalgia. Essa mulher está apaixonada por ele.

— Não pode fazer com que Nicholas sinta algo por ela.

— Oh, ele sente algo. Quando esquece que a odeia se sente realmente encantado com ela, isso é evidente. Ela é formosa e encantadora — continuou enquanto se levantava lentamente — e aposto que ele descobriu essas coisas nela e outras mais no dia do baile de máscaras.

— Pode ser — disse seu marido não muito convencido.

— Sabe que deve ter sido assim. Pode ser que Nicholas tenha uma longa história por não seguir as normas, mas nunca teria provocado um escândalo que envolvesse alguém inocente. Ele nunca teria levado Julianna para seu quarto sendo um convidado na casa, a não ser que estivesse louco por ela.

Como não pôde negar esse argumento, seu marido se limitou a sorrir levemente.

— Então, talvez, esta união funcione algum dia. Sua mulher levantou os ombros.

— Pensei em dizer algo a Julianna para animá-la a fazer um esforço. Mas se sabe que conheço a situação se sentirá envergonhada

— pôs a mão no braço dele — Seria um milagre se continuassem juntos.

Capítulo Doze

Sozinha em seu quarto, Julianna se deteve diante do toucador. A caixa de cartas que tinha escrito para sua avó desde que esta morreu se encontrava em suas trêmulas mãos. Sobre a cama estavam os presentes de Natal que tinha recebido. Nick ia embora no dia seguinte.

Nick e seus pais tinham sido muito generosos com ela, ainda que os presentes que ele lhe deu foram totalmente impessoais e só para disfarçar diante de sua mãe. Os presentes que ele deu a seus pais o fizeram em nome dele e de Julianna, mas não era o mesmo. E quando chegou o momento em que ele teve que abrir seus presentes, não tinha nenhum para ele da parte de Julianna. Ele insinuou que ela desejava dar mais tarde em particular.

Mas a verdade era que Julianna não tinha presenteado nenhum deles era porque não tinha nada para lhes dar... nada exceto o que continha a caixa que tinha entre as mãos. Podia dar isso para Nicki. Na última semana tinha chamado-o assim muitas vezes, tantas que começou a pensar nele daquela forma. Inclusive tinha feito tudo o que lhe ocorreu para que ele notasse sua presença e a olhasse de outro modo. Tinha flertado de forma escandalosa com ele e dedicado horas e horas com seu cabelo e em pensar na roupa que colocaria. E tinha o surpreendido olhando-a... nesses momentos ele a olhava da mesma forma que tinha olhado na noite do baile de máscaras, quando a levou para seu quarto...como se quisesse beijá-la.

Durante essa maravilhosa e agonizante semana tinha se dado conta de que estava apaixonada por ele. Também tinha se dado conta de outras coisas entre elas de que era necessário fechar a brecha que tinha entre ambos. Em primeiro lugar, e segundo a mãe de Nicholas, este adorava os meninos e se notava em sua forma de tratar seus sobrinhos. Ele queria meninos, disse sua sogra, enquanto falava esperançosa de um neto que levasse o sobrenome da família. Tal e como estavam às coisas até este momento, isso era impossível. E tudo por culpa de Julianna. Ela era a causadora de todo esse pesadelo e se tinha algum modo de acabar com ele, ela o faria. O escândalo de um divórcio salpicaria em toda família, não só na de Julianna, além do mais só tinham sido concedido alguns nos últimos cinco anos de maneira que

estavam atados por toda vida.

Uma vida sem meninos a não ser que ela fizesse algo, e só tinha uma coisa que não tinha feito ainda. Não tinha mostrado as cartas. Estas eram a única prova que podia dar a Nick de que ela não tinha planejado o encontro no baile de máscaras, que não tinha tido nenhum plano para forçá-lo a um casamento.

O problema era que não podia lhe dar essa prova sem despir sua alma diante dele. Sem ele deixar ver tudo o que ela era, não era e o que queria chegar a ser. Tudo estava ali, e uma vez que ele lesse ficaria descoberta, mais vulnerável que nunca em sua vida. Ainda era cedo e poderia ver a reação de Nicki.

Pronunciando uma fervente oração para que aquilo funcionasse, dirigiu-se à porta que conectava os dois quartos e o chamou.

Nicholas se levantou e abriu a porta, viu a roupa que ela vestia e quase lhe deu um fora em resposta. Vestida com uma bata de veludo grená com um decote ovalado e o cabelo caindo sobre seus ombros como ouro líquido, Julianna Skeffington du Ville estava irresistível.

— O que aconteceu? — perguntou apoiando-se na porta.

— Tenho algo para você — respondeu ela dirigindo-se para ele com seu brilhante cabelo, sua sedutora pele e sua preciosa bata

— Tome.

Nick olhou a caixa e depois para ela.

— O que é isso?

— Por favor, somente pegue.

— Por que demônio deveria...

— Porque... porque é um presente, um presente de Natal para você de minha parte.

— Não quero nada de você Julianna.

— Mas você quer filhos! — disse olhando-o aturdida diante dessa declaração.

— Não preciso de você para ter filhos — disse ele com desdém. Ela ficou pálida, mas insistiu:

— Nenhum seria legítimo.

— Poderia legitimá-los mais tarde. Agora suma daqui!

— Maldito seja! — disse Julianna com voz apagada, deixando a caixa que continha seu coração e sua alma na mesa que estava em frente ao sofá — Eu não armei nada para colocar você em uma armadilha no dia do baile de máscaras. Quando te pedi que arruinasse

minha reputação pensava que era outra pessoa.

Um lento e cínico sorriso cruzaram o rosto dele.

— Verdade? — disse mordaz — E quem pensava que era?

— Deus! — soltou Julianna desesperada, sentindo-se tão miserável e louca pela situação em que se encontrava, que esteve a ponto de dar um pontapé no chão — Pensei que era Deus! A prova está nessa caixa, nas cartas que escrevi para minha avó. Minha mãe as enviou para mim.

Girou, sobre seus calcanhares saiu dali. Ignorando a caixa, Nick se serviu de um copo de bebida e foi para a poltrona, pegou o livro que tinha deixado quando foi interrompido e o abriu na primeira página. Então seu olhar fixou na caixa que continha as cartas. Com uma verdadeira curiosidade por saber o que lhe teria preparado desta vez sua imaginativa mulher, decidiu ler uma delas.

A primeira do montão estava datada da primavera anterior e supôs que devia começar por essa ainda que não tenha conhecido Julianna Skeffington nesta data.

Querida avó,

Conheci alguém hoje no parque, que provocou algo em mim tão forte que mal posso deixar de pensar nisso. Sempre se fala muito dos cavaleiros de Londres, dos galantes que se supõe que são e que te levam a uma desilusão quando os conhece. Então conheci Nicholas du Ville, ele era o oposto vovó... muito oposto. E também duro e frio, ao menos em aparência, mas acredito que ri do que eu disse quando ia embora. Se ri, não pode ser duro, simplesmente cauteloso..."

Duas horas mais tarde caiu um tronco na chaminé soltando um monte de faíscas alaranjadas ao mesmo tempo em que Nick deixava a última carta de lado. Então pegou uma que já tinha lido duas vezes e voltou a ler as linhas que o tinham enchido de autodesprezo.

Sei o quanto está envergonhada de mim vovó. Eu só queria dançar esses três bailes com ele, e assim sir Francis retiraria sua oferta de casamento... Sabia que não deveria ter deixado que me beijassem. Sabia. Mas se alguma vez Nicholas du Ville lhe tivesse beijado, me entenderia. Se tivesse visto seu sorriso ou o tivesse ouvido rir, entenderia. Como anseio ver seu sorriso e ouvir seu riso de novo! Tenho que tentar arrumar as coisas de alguma maneira. Desejo-o, desejo-o, como eu o desejo... E depois choro...

Com o quadril apoiado no assento da janela, Julianna olhou a gelada noite com os braços rodeando seu estômago como se assim

pudesse afastar o frio que a invadia cada vez mais profundamente a cada segundo que passava e ele não aparecia. Levantando um dedo desenhou um círculo no cristal e depois outro dentro do primeiro. Estava começando a desenhar um terceiro, quando no centro viu a imagem de um homem movendo-se devagar. Com as mangas da camisa enroladas e com as mãos nos bolsos das calças, aproximava-se dela enquanto o coração de Julianna parecia querer sair de seu peito.

Ele se deteve a seu lado e ela esperou, escrutinando sua expressão no reflexo do cristal com medo do que veria se dava volta e lhe olhava diretamente.

— Julianna — Ouviu a voz dele com emoção.

Ela soltou uma respiração trêmula e depois voltou à cabeça. Viu um sombrio sorriso nos lábios dele e ao mesmo tempo em que seus olhares se encontravam.

— Quando pensou que eu era Deus, e depois que era o demônio, quer saber o que eu pensava sobre você?

Julianna engoliu saliva e assentiu.

— Pensava que era um anjo.

Incapaz de se mover ou respirar esperou para que ele lhe dissesse o que pensava dela agora.

Então mantendo seu olhar fixo no dela disse solenemente:

— Eu também a desejo Julianna.

Julianna se levantou, deu um passo diante e se encontrou de repente colada a ele, com seus braços ao redor dela como aço. Sua boca se apoderou da dela com gentil violência, suas mãos percorriam suas costas e seu corpo com carícias apaixonadas, atraindo-a para ele com força. Beijou-a até que ela mal pôde respirar e se apertava contra seu corpo a suas duras coxas. Os braços dela rodearam o pescoço de Nicholas para aproximar-se ainda mais dele. Quando finalmente se afastou, beijou seu rosto, a bochecha, os olhos, as têmporas... Depois apoiou o queixo no cabelo dela e sussurrou:

— Eu a desejo também Juliana.

Julianna esperou a que a beijasse de novo. Tímida e insegura, fez além de lhe beijar, acaricio-lhe as costas conseguindo que se aproximasse mais de seu corpo. Então tomou medidas mais drásticas.

Jogou a cabeça para trás, olhou-o provocante e deslizou suas mãos para seu peito observando como ardiam os olhos dele.

Nick aceitou o convite e deslizou os dedos pela nuca dela,

sustentando sua boca contra a dela e baixando a cabeça enquanto sussurrava:

— Deus, como a desejava!

Epílogo

As paredes forradas de seda do grande salão do impressionante propriedade que tinha Nicholas du Ville próximo de Londres estavam decoradas com valiosos quadros dos grandes mestres e os móveis continham tesouros que tinham enfeitado palácios. O salão estava ocupado nesse momento por seu dono e seus quatro melhores amigos, Whitney e Clayton Westmoreland e Sheridan e Stephen Westmoreland. Também estava os pais de Nicholas. O outro convidado era Dowager, duquesa viúva de Claymore, quem além de ser amiga dos du Ville, tinha a honra de ser a mãe de Clayton e Stephen.

Nesse dia em particular, os convidados estavam sentados em dois grupos diferentes. Num dos grupos estavam os pais de Nick e a duquesa viúva. No outro estavam os amigos de Nick quem também eram pais.

O sétimo ocupante do salão era Nicholas du Ville que não fazia parte de nenhum grupo porque não era pai.

Estava esperando ser nesse momento.

Seus dois amigos, que tinham suportado e sobrevivido a esses momentos de nervosismo, estavam desfrutando ao vê-lo sofrer. E desfrutavam porque Nicholas du Ville era famoso entre os membros da aristocracia por sua incomparável habilidade para manter-se sempre sereno e inclusive se divertia em situações nas quais os cavaleiros mais sofisticados suavam e perjuravam.

Hoje no entanto, seu lendário autocontrole tinha desaparecido. Estava ao lado da janela, com a mão direita massageando distraidamente os tensos músculos de seu pescoço, e estava nesse lugar porque tinha passeado tantas vezes pelo tapete que sua própria mãe entre risos tinha lhe dito que começava a se sentir exausta só de vê-lo de lá pra cá.

Desde que seu coração esteve tão débil há um ano atrás, que não podia nem subir umas poucas escadas, ninguém entendia como era possível que esse mesmo coração estivesse agora o suficientemente forte para permitir-lhe fazer isso e muito mais. Seu inquieto filho deixou de passear um momento, mas não deixou de se preocupar.

Seus dois amigos observavam suas tensas costas com olhares

divertidos e com entendimento, porque Nicholas du Ville tinha sido anteriormente admirado por suas próprias esposas devido a sua despreocupação.

— Se não me falhe a memória, — mentiu Stephen Westmoreland dando uma piscada — Clay teve uma reunião com uns sócios de negócios enquanto Whitney estava em trabalho de parto. Depois acredito que fomos ao White's para fazer algumas apostas.

Clayton Westmoreland olhou acima de seu ombro para ver o futuro pai.

— Nick, lhe agradaria ir ao White's? Poderíamos voltar tarde esta noite, quem sabe de madrugada.

— Não seja ridículo — ele disse.

— Se eu fosse você iria. — Disse Stephen com um sorriso — Uma vez que se saibam que ficou como um leão enjaulado e como um lunático, não poderá voltar a pisar no White's. A direção tirará seu cartão de sócio. Uma pena, porque você costumava acrescentar um verdadeiro estilo àquele lugar. Utilizo minha influência e tentativa para que te deixem sentar-se na janela de vez em quando pelos velhos tempos?

— Stephen?

— Sim, Nick?

— Vá para o inferno.

Clayton interveio solenemente.

— O que você acha se jogamos xadrez? Ajudará a passar o tempo. Não teve resposta.

— Poderíamos jogar apostando e assim manter sua mente no jogo. Aquele Rembrandt pelo último desenho de meu filho e de Whitney levando um cubo sobre a cabeça?

Whitney e Sheridan os fizeram ficar calados, e se aproximaram do futuro pai.

— Nick — disse Whitney — leva tempo.

— Mas não tanto! — disse ele — Whitticomb disse que acabaria duas horas atrás.

— Eu sei — continuou Sheridan — e se te serve de consolo, Stephen estava tão agoniado quando nasceu nosso filho que por três meses seguintes chamou o pobre Whitticomb de “velho incompetente e antiquado” por não ter sido capaz de fazer algo para me ajudar a acabar antes.

Aquela informação fez com que Clayton olhasse seu irmão com divertida censura.

— Pobre Whitticomb — disse — Me surpreende Stephen. É um excelente médico, mas ninguém pode predizer um nascimento. Esteve com Whitney em torno de doze horas.

— É sério? — brincou Stephen — E tenho de supor que você lhe agradeceu por não ter feito as coisas andarem mais depressa, permitindo-lhe assim esperar lá embaixo rezando a Deus por continuar tendo uma esposa.

— Sim, disse algo parecido — disse Clayton olhando o copo que tinha na mão para esconder seu sorriso.

— Seguramente o fez — disse o Dr. Whitticomb surpreendendo a todos quando entrou no salão sorrindo e secando as mãos — mas algumas horas antes de fazê-lo ameaçou de agarrar minha...é...região baixa e fazer o parto ele mesmo.

Olhou para Nick com um sorriso tranquilizador, pois este lhe estava observando com os olhos cerrados.

— Há algumas pessoas bastante cansadas lá em cima que passaram por um momento difícil, mas que desejariam te ver — deixou de falar e sorriu ao mesmo tempo em que o novo pai passava por trás dele sem dizer uma palavra para subir as escadas. Finalmente se voltou para os novos avós, que estavam esperando para saber se o recém nascido era menino ou menina.

Em algum lugar no Além, Sarah Skeffington sorria satisfeita pelo modo que tinha usado os três pequenos milagres que lhe outorgaram em seu novo mundo. Tinha limites para fazer uso desses milagres que tinham sido estabelecidos pelo verdadeiro Fazedor de Milagres, mas os tinha realizado todos, incluindo a cura de Madame du Ville para que pudesse conhecer seu neto.

Ignorando tudo isto, Julianna se sentou na cama apoiando-se nos travesseiros para escrever uma carta a sua avó.

Minha queridíssima avó,

Faz cinco dias que nasceu nosso filho, e colocamos o nome de John. Nick está muito orgulhoso dele e está completamente louco pela irmã gêmea de John.

Vamos chamá-la de Sarah em sua homenagem.

Sempre estará em meus pensamentos e em meu coração...

Fim